UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

LUCAS LOPES PESSOA DE SOUSA

PSICOLOGIA NAS ESCOLAS DE RECIFE: DANOS POR UMA NECESSIDADE NÃO ATENDIDA

MACEIÓ-AL, 2023

LUCAS LOPES PESSOA DE SOUSA

PSICOLOGIA NAS ESCOLAS DE RECIFE: DANOS POR UMA NECESSIDADE NÃO ATENDIDA

Dissertação apresentada para defesa no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia (PPGPsi), do Instituto de Psicologia (IP), na linha de pesquisa: Saúde, Clínica e Práticas Psicológicas, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Maria Vieira da Silva.

MACEIÓ-AL, 2023

Catalogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S725p Sousa, Lucas Lopes Pessoa de.
Psicologia nas escolas de Recife : danos por uma necessidade não atendida / Lucas Lopes Pessoa de Sousa. – 2023.
79 f. : il.

Orientadora: Nadja Maria Vieira da Silva.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 48-54.
Anexos: f. 55-79.

1. Brasil. Lei n. 13.935, de 11 de dezembro de 2019. 2. Psicologia escolar crítica. 3. Narrativas. I. Título.

CDU: 37.015.3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCAS LOPES PESSOA DE SOUSA

Título do Trabalho: *"PSICOLOGIA NAS ESCOLAS DE RECIFE: DANOS POR UMA NECESSIDADE NÃO ATENDIDA".*

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
NADJA MARIA VIEIRA DA SILVA
Data: 05/10/2023 18:36:13-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Nadja Maria Vieira da Silva (PPGP/UFAL)

Examinadoras:

gov.br Documento assinado digitalmente
FABIOLA DE SOUSA BRAZ AQUINO
Data: 28/09/2023 19:32:41-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Fabiola de Sousa Braz Aquino (PPGPS/UFPB)

gov.br Documento assinado digitalmente
ANGELINA NUNES DE VASCONCELOS
Data: 15/10/2023 07:30:36-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Angelina Nunes de Vasconcelos (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 21 de agosto de 2023.

PSICOLOGIA NAS ESCOLAS DE RECIFE: DANOS POR UMA NECESSIDADE NÃO ATENDIDA

RESUMO

Apresentamos aqui o relato de uma pesquisa, através da qual discutimos sobre questões envolvidas na expectativa de inserção do psicólogo escolar/educacional no quadro funcional das instituições de ensino e aprendizagem da rede pública da cidade do Recife-Pernambuco. A pesquisa foi realizada em duas etapas: um estudo bibliográfico sobre a história da vinculação de profissionais de psicologia às secretarias de educação brasileiras, com destaque para a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC-PE) e uma pesquisa de intervenção, com a participação de psicólogos lotados na SEDUC-PE e professores da educação básica atuantes na rede pública de ensino da cidade de Recife. O objetivo geral da intervenção abrangeu duas direções: a) analisar concepções de psicólogos sobre o trabalho com Psicologia Escolar normatizado SEDUC-PE e b) analisar apontamentos de professores da rede básica de ensino acerca do trabalho do profissional de Psicologia nas escolas. O principal procedimento metodológico foi a produção de narrativas, a partir da apresentação de enunciados incompletos. Nesses enunciados sinalizamos diversas atribuições relacionadas ao serviço de Psicologia nas escolas. Os participantes foram instruídos para escreverem desfechos relacionados com as situações sinalizadas nos enunciados incompletos. Nos resultados destacamos o afastamento entre as expectativas de psicólogos e de professores quanto a inserção do serviço de Psicologia nas escolas, na forma como institui a Lei 13.935/2019, recentemente aprovada. Nos seus apontamentos, os professores alertaram para a sua falta de preparo para lidar com problemas de natureza psicológica nas escolas e argumentaram sobre a necessidade desse serviço. Por outro lado, os psicólogos chamaram a atenção para as barreiras a serem vencidas, até que os profissionais de Psicologia atuem de fato nas instalações das escolas. Nas nossas discussões, chamamos a atenção para a prevalência de algumas questões: a) de natureza histórica, no que se refere à efetividade, ainda ausente, de pressupostos teóricos e práticos atualizados para uma atuação crítica no serviço de Psicologia Escolar e b) de natureza política, no que se refere: 1) a ausência de representantes da perspectiva crítica no serviço de Psicologia Escolar nos espaços que deliberam diretrizes oficiais para esse serviço e 2) a falta de agilidade na definição de critérios para distribuição dos profissionais nas escolas para integrar a equipe multiprofissional prevista na referida Lei.

Palavras-chave: Psicologia escolar crítica; Lei 13.935/2019; Narrativas.

PSYCHOLOGY IN SCHOOLS FROM RECIFE: DAMAGES FOR AN UNMET NEED

ABSTRACT

We present here the report of a research, through which we discussed issues involved in the expectation of insertion of the school/educational psychologist in the staff of teaching and learning institutions in the public network in the city of Recife- Pernambuco. The research was carried out in two stages: a bibliographic study on the history of the connection of psychology professionals to Brazilian education departments, with emphasis on the Pernambuco State Education Department (SEDUC-PE) and an intervention research, with the participation of psychologists working at SEDUC-PE and basic education teachers working in the public education network in the city of Recife. The general objective of the intervention covered two directions: a) analyze psychologists' conceptions about working with SEDUC-PE standardized School Psychology and b) analyze notes from teachers in the basic education network about the work of Psychology professionals in schools. The main methodological procedure was the production of narratives, based on the presentation of incomplete enunciation. In these statements we highlight several responsibilities related to the Psychology service in schools. Participants were instructed to write outcomes related to the situations highlighted in the incomplete statements. In the results, we highlight the gap between the expectations of psychologists and teachers regarding the insertion of the Psychology service in schools, as established by Law 13,935/2019, recently approved. In their notes, the teachers warned about their lack of preparation to deal with psychological problems in schools and argued about the need for this service. On the other hand, psychologists drew attention to the barriers to be overcome, until Psychology professionals actually work on the school floor. In our discussions, we draw attention to the prevalence of some issues: a) of a historical nature, regarding the effectiveness, still absent, of updated theoretical and practical assumptions for critical action in the School Psychology service and b) of a political nature , regarding: 1) the absence of representatives from a critical perspective in the School Psychology service in the spaces that deliberate official guidelines for this service and 2) the lack of agility in defining criteria for the distribution of professionals in schools to join the team multidisciplinary provided for in the aforementioned Law.

Keywords: Critical Psychology; Law 13.935/2019; Narratives.

Sumário

INTRODUÇÃO 8

1.1-Psicologia Escolar e Educacional no Brasil: Aspectos Históricos 8

1.2- Psicólogo Escolar e Educacional na Rede Pública de Ensino em Pernambuco 11

1.3- Razões para a Interface entre Psicologia Escolar e Educacional e Educação: Ética, Solidariedade Política e Desenvolvimento Humano e Social 15

2. OBJETIVOS 20

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA NO CAMPO DA PSICOLOGIA ESCOLAR 20

3.1- Uso de Narrativas na Pesquisa em Psicologia Escolar 22

3.2 UM ESTUDO PILOTO: 23

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO ESTUDO PILOTO 28

3.3- Local de Pesquisa 29

3.4- Participantes da Pesquisa 29

3.5- As entrevistas para a produção das narrativas dos professores 30

3.6- As entrevistas para a produção das narrativas dos psicólogos da SEDUC-PE 32

3.7 – Análise das narrativas 34

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES 38

4.1- Das narrativas dos professores 38

4.2- Das narrativas dos psicólogos 42

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 46

6. REFERÊNCIAS 48

ANEXO 1. QUADROS DE LEVANTAMENTOS UNIDADES TEMÁTICAS/DE SIGNIFICAÇÃO - PROFESSORES 55

ANEXO 2 . TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)- PROFESSORES 74

ANEXO 3 . CARTA DE ANUÊNCIA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO 78

ANEXO 4 . QUADROS DE LEVANTAMENTOS UNIDADES TEMÁTICAS/ DE SIGNIFICAÇÃO - PSICÓLOGOS 62

INTRODUÇÃO

Ao fazer uma leitura crítica da trajetória da relação entre Psicologia Escolar/Educacional e Educação observamos efeitos de políticas educacionais desiguais e não transversais desfavoráveis à interdisciplinaridade, assim como à atuação de multiprofissionais dentro das escolas. Esse cenário tem impedido o planejamento de ações que promovam a interface entre a Psicologia Escolar e a Educação. Julgamos, então, que se faz necessária uma análise ampla, que inclua diferentes perspectivas de fatores históricos, epistemológicos e ontológicos que levaram à visão na qual a Psicologia Escolar é uma subárea da Psicologia, com uma atuação limitada que consiste em apoiar emergências, quando as escolas precisam (BARBOSA; SOUZA, 2012).

A expectativa sobre essa ampla análise é a apresentação de argumentos para a visibilidade de posições claras quanto as especificidades da Psicologia exercida em cenários educacionais. Posicionamo-nos aqui em defesa de uma perspectiva crítica da Psicologia dentro das escolas, que se destina à promoção do desenvolvimento ético, político e social de cidadãos matriculados em instituições de ensino e aprendizagem. No presente trabalho, empenhamo-nos nessa análise, para fundamentar e reforçar que a Psicologia Escolar, exercida em uma perspectiva crítica, é um campo de conhecimento e de práticas necessárias, não dispensáveis aos serviços educacionais voltados para os cidadãos brasileiros (ANTUNES, 2008; GUZZO, et al., 2010).

1.1-Psicologia Escolar e Educacional no Brasil: Aspectos Históricos

Na década entre 1990 e o ano 2000, a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) fortaleceu a posição que defendia que profissionais de Psicologia que atuavam em escolas eram educadores e, dessa forma, esses deveriam ser o seu enquadramento funcional dentro das escolas. Essa posição se difundiu como crítica sistemática aos modelos clínicos e biomédicos que caracterizavam a atuação de psicólogos nas escolas nos anos de 1980 (PATTO, 1990; SOUZA, 1996).

Essas ocorrências justificam porque a Psicologia tem uma história marcada pela dificuldade de estruturar e integrar suas ações no campo educacional. Antes do século XIX exercia-se no Brasil uma educação caracterizada pela pedagogia jesuíta, cujo

principal propósito era controlar a sociedade (MASSIMI, 1990; SAVIANI, 2008). Os padres da época concebiam a educação como forma de manipular e difundir suas crenças e costumes. Nesses termos, a educação revelou-se como ato elitista, no qual excluía-se os povos originários.

Com a expulsão dos jesuítas e do seu ensino (por volta de 1699), a educação passa a ser exercida com ideias iluministas (SAVIANI, 2008). Patto (1981) comenta que, nesse período, a educação continuou regida pela igreja e, por muito tempo, conservou a ideologia elitista, segregadora e excludente. Foi nessa época que conhecimentos sobre aspectos psicológicos da pessoa humana ganharam uma atenção maior, pelo intermédio das faculdades de Medicina da Bahia e Rio de Janeiro, a partir de teses nas quais se abordavam temas como emoções, afetos e cérebro, tanto no campo Medicina quanto na Educação (ANTUNES, 2001).

Como efeito da Proclamação da República (a partir de 1889), o presidente Vargas instaura no Brasil a diferenciação entre a Igreja e o Estado e logo cria o *pedagogium* (em 1890), a partir do qual iniciam-se sucessivas reformas na Educação brasileira. Nessa nova cultura de reformas educacionais, a introdução das disciplinas de Psicologia e Lógica nas escolas normais é ponto crucial e de inspiração para a Psicologia, enquanto ciência e profissão, que se consolida apenas em 1962 (BARBOSA; SOUZA, 2012; MASSIMI; 1994). Refletindo sobre essa inspiração, Antunes (2001) destacou que de 1906 até meados dos anos 20 foram criados diversos Laboratórios de Psicologia Experimental, para cada estado.

Na nossa varredura sobre aspectos históricos no desenvolvimento da Psicologia Escolar e de sua interface com a Educação destacamos a fundação do Instituto de Psicologia na Escola Normal Oficial em Recife- PE/1892, pelo médico Ulysses Pernambucano, enquanto marco local para a atenção sobre questões psicológicas relacionadas à educação. Segue-se, então, a inclusão das disciplinas de Psicologia e Pedagogia na escola normal[1] (por volta de 1980) e a nomeação do Dr. Ulysses pelo Governador do Estado, para lecionar as disciplinas de Lógica, Psicologia e História da Filosofia no recém-inaugurado Ginásio Pernambucano (ANDRADE, 2021).

[1] Escola normal escrito por Saviani (2008) refere-se às escolas que tinham como cumprimento a função de formação pedagógica para os professores que lecionavam no ensino primário.

Como fundador principal do Instituto de Psicologia, Dr. Ulysses cria a primeira escola de Educação Especial em Pernambuco chamada Escola Especial Ulysses Pernambucano (1941-1947). A escola tinha um propósito de educar os "anormais", geralmente alunos com um QI abaixo do normal ou com algum problema de linguagem. Houve grande repercussão sobre a matrícula dos alunos na época, pois alguns pais não queriam matricular seus filhos preocupados com o estigma que o nome e a descrição dessa escola causavam à sociedade. Essas diretrizes foram posteriormente modificadas (1951) para "anormais educáveis e deficientes da linguagem de quaisquer condições sociais" de forma a assegurar a frequência dos estudantes (OLIVEIRA, 2015, p. 4).

No final do século XIX e início do século XX registramos em quase todo território nacional uma crescente produção no campo da Psicologia Educacional nos institutos especializados em aprendizagem, núcleos de pesquisa e orientação nas escolas. Profissionais reconhecem que a constituição desse campo de conhecimento e práticas se revela no meio da história da educação, mas empenham-se para decifrar e instituir suas especificidades. Segundo Antunes (2008, p.472), nesse período,

> (...) ainda que de forma não sistemática e formal, a Psicologia Educacional, como conjunto de saberes que pretende explicar e subsidiar a prática pedagógica, sendo, portanto, de domínio necessário para todos os educadores, e a Psicologia Escolar, como campo de atuação de profissionais da Psicologia que atuariam no âmbito da escola, desempenhando uma função especifica, alicerçada na Psicologia se caracterizou inicialmente por adotar o modelo clínico de intervenção.

Barbosa (2012) e Saviani (2008) apontam efeitos das políticas econômicas dessa época no Brasil (por volta de 1930) com a qual surgiu a Escola Nova, considerada como pioneira da educação. Com o crescimento das indústrias, modernização das cidades e a agricultura cafeeira, a população passou a precisar de atendimentos especializados, o que levou a uma maior visibilidade dos fundamentos e práticas da Psicologia e a expansão de estudos sobre sua relação com a educação. Patto (1981) descreveu essas conquistas para evidenciar o papel das políticas públicas educacionais, que possibilitou, nessa época, a criação de universidades, a implementação do ministério da educação e a regulamentação das escolas técnicas (SENAI, SENAC).

Também nessa época, a abertura de novos laboratórios de Psicologia ampliou a necessidade de teorizações relacionadas à Psicologia Escolar e Educacional. Temas como

a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, desenvolvimento infantil e aspectos psicológicos da pedagogia passaram a ter prioridade (BARBOSA, 2011). Todavia, a expansão desses enfoques ainda estava sob muitas críticas, visto que enquadravam o aluno como o foco do problema e, dessa forma, justificava a apropriação do modelo clínico-médico para ajustar o aluno às determinações da escola.

A partir dos anos 80 (aproximadamente 18 anos após a regulamentação da profissão de Psicólogo) torna-se visível o predomínio das críticas aos modelos que difundem condutas individualistas, preconceituosas, psicométricas no âmbito dos serviços educacionais promovidos pela Psicologia. Esse cenário foi fortalecido nos anos 90, com a posição de pesquisadores no campo da Psicologia Escolar (MARINHO-ARAÚJO, 2010/2005; MEIRA 2003; PATTO, 1987; ANTUNES, 2003), que defenderam a educação e aprendizagem como construção social, política e cultural. O aumento do número de pesquisas com foco na interface da Psicologia com a Educação ascendeu novos olhares e abriu novos caminhos para a práxis da Psicologia Escolar e Educacional, nos quais se privilegia agora uma abordagem crítica e transformadora das relações interpessoais e considera a promoção do desenvolvimento de habilidades e competências criativas para todos os atores da comunidade escolar, como característica do ato educacional. Para Oliveira; Marinho- Araújo (2009, p. 659) nas ações da Psicologia Escolar:

> ...tenta-se criar espaços de interlocução com todos os atores escolares, incluindo e acolhendo os diferentes segmentos que participam e constroem o cotidiano escolar. Esses espaços têm como foco tanto os aspectos objetivos dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem, como a conscientização dos aspectos subjetivos que os permeiam.

1.2- Psicólogo Escolar e Educacional na Rede Pública de Ensino em Pernambuco

A Lei nº 13.935/ 2019, prescreve a inserção de psicólogos e assistentes sociais no quadro funcional relativo aos profissionais que atuam dentro de escolas. Essa lei tramitou por quase vinte anos e sua regulamentação foi fruto de movimentos frequentes e muita luta liderada pela ABRAPEE e outras entidades, inclusive do Serviço Social (BRASIL, 2019). Em João Pessoa- PB, por exemplo, a presença do psicólogo escolar nas instituições públicas de ensino foi regulamentada há muito anos, a partir da Lei ordinária n° 7.846 de 04 de agosto de 1995 e efetiva-se, alternativamente por meio de contratos

temporários e por meio de concurso público, quando esse profissional passa a constituir o quadro de funcionários permanentes das escolas.

Segundo Aquino, et al. (2015), a efetivação de psicólogos no quadro funcional das instituições de educação de João Pessoa favorece à eficiência do processo de ensino aprendizagem e a atenção sistemática para os fenômenos sociais contemporâneos e para as relações interpessoais dentro das escolas. Em Pernambuco, todavia, especificamente em Recife, muitas escolas públicas estaduais parecem ainda não reconhecer referida lei e mantêm a antiga conduta de não ofertar o serviço de psicologia dentro das instalações das escolas. Como alternativa, órgãos gestores da educação disponibilizam técnicos educacionais lotados na Secretaria de Educação (SEDUC-PE), que são selecionados por meio de concurso público para integrar o quadro funcional das gerências regionais do estado. Esse é também o funcionamento adotado em outros estados brasileiros, como por exemplo, Alagoas, Minas Gerais, Ceará, Santa Catarina, entre outros.

De acordo com Guzzo, Mezzarila e Moreira (2012, p. 330), já existem concursos para a função de Psicologia Escolar (contratos temporários e efetivos) se considerarmos o território nacional. Contudo, há ainda muita desigualdade entre os estados brasileiros e se constatam efeitos prejudiciais do baixo investimento para formar esses profissionais, assim como para a sua formação continuada uma vez que, como defendem as autoras, no exercício da função de Psicologia Escolar, faz-se necessário um acompanhamento do processo ensino-aprendizagem dentro das escolas:

> "Apesar de alguns municípios brasileiros já possuírem profissionais contratados diretamente pelas Secretarias Municipais de Educação, é ainda um desafio à preparação e o desenvolvimento de práticas profissionais junto a crianças e adolescentes, acompanhando *in loco* o processo de desenvolvimento nos espaços educativos" (GUZZO; MEZZARILA; MOREIRA, 2012, p. 330).

A partir de pesquisas em *sites* da Secretaria de Educação e Esporte do Estado de Pernambuco, localizamos editais para seleção de Psicólogos para trabalhar na área educacional, com a atribuição de "profissional permanente de pessoal" (SEDUC-PE, 2008). No edital relativo ao último concurso (realizado em 2008) indicava-se o processo seletivo para nível técnico superior, com trinta e oito vagas para psicólogo analista, os quais foram submetidos a provas de conhecimento específico e uma prova dissertativa sobre conteúdos explorados por profissionais de educação.

Em uma análise sobre o conhecimento específico prescrito no edital, verificamos que incluía os seguintes tópicos: “teorias e técnicas psicoterápicas, psicoterapia breve, psicopatologia, teorias da personalidade, psicodiagnóstico, desenvolvimento psicossocial, terapia familiar e de grupo, dinâmica de grupo, entrevista psicológica” (IAUPE, 2008, p. 11). Avaliamos, então, que o processo seletivo se tratava da busca por profissionais formados a partir de parâmetros curriculares tradicionais, voltados claramente para o campo da clínica, fortemente embasado em pressupostos biológicos.

Porque não incluíram nos tópicos conhecimentos específicos como, por exemplo, psicologia do desenvolvimento, psicologia da aprendizagem, psicologia escolar, a relação entre Psicologia e Educação, considerando-se que o profissional a ser selecionado trabalhará na interface da Psicologia com a Educação? No *site* que pesquisamos, há registros de que, durante o processo seletivo, muitos candidatos entraram com recursos e alguns tópicos foram acrescentados com a descrição, por exemplo, de: fatores e processos psicológicos na educação e na aprendizagem e transtornos da aprendizagem. Outro aspecto polêmico nas exigências (leitura) desse edital são as definições para a atuação dos novos concursados. De acordo com o órgão que elaborou a prova, os técnicos educacionais em nível superior (Portaria Conjunta SAD/SEE N° 104, 11 de agosto de 2008) serão psicólogos analistas com as funções de:

> “1. Atender ao pessoal da escola da comunidade e ao público em geral; 2. Realizar diagnostico, emitir parecer, supervisionar, avaliar as atividades em sua área de atuação; 3. Realizar atividades de prevenção na área de saúde educacional; 4. Supervisionar empresas terceirizadas; 5. Programar, coordenar, executar, recuperar, conservar, catalogar, arquivar e manter atualizadas as atividades sobre sua responsabilidade [...]” (IAUPE, 2008, p.1).

Embora imprimam-se nessa atribuição muitos processos educacionais, inferimos que não contemplam-se nessa definição aspectos do exercício atualizado da Psicologia Escolar (MEIRA, 2012; GALDINI; AGUIAR, 2003, DIAS; APATIAS; ABAID, 2014; ANDRADA, 2005; MARINHO-ARAÚJO 2014; CAVALCANTI; BRAZ-AQUINO, 2019; VIEIRA, 2021), nos quais os psicólogos assumem o foco na ação e reflexão ética, para o compromisso da comunidade escolar com uma solidariedade política e social, que deve ser exercida nas relações interpessoais dentro de ambientes educacionais. Para esses psicólogos, a atenção para esses aspectos é o caminho para promover a eficiência do processo ensino-aprendizagem e o compromisso ético-pedagógico da atuação do psicólogo escolar e educacional, tais como

- Discussões a partir da realidade dos alunos nas praticas integrativas humanas

- A construção e o desenvolvimento das capacidades escolares e de competências

- Intervenções nas práticas de ensino, avaliações e projetos que contemplem as concepções do desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural

- Contribuições da Psicologia no contexto da educação junto à equipe pedagógica (professores e gestores) e comunidade escolar.

Há, portanto, a necessidade de que esses profissionais sejam integrantes das relações interpessoais configuradas dentro das escolas, o que não é possível, caso estejam lotados fora dessas instalações, como em secretaria estaduais, por exemplo.

Ao analisarmos as prescrições para a atuação dos psicólogos analistas em educação, na forma como deferida pelo edital SAD/SEE N° 104, 11 de Agosto de 2008, acusamos uma disparidade em relação às atribuições na cartilha produzida e divulgada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) sobre a práxis do profissional em Psicologia Escolar e Educacional. De acordo com o CFP (2019) é função deste profissional:

1- Orientação de alunos e professores
2- Buscar diálogos com as equipes pedagógicas
3- Desenvolver estratégias para os processos escolares
4- Atuar em projetos escolares
5- Participar dos documentos pedagógicos
6- Propor enquanto ciência atividades de temas que dialogam com a realidade
7- Ter entendimento sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos
8- Ter síntese de investigação escolar para atuar nas diversidades encontradas no universo escolar
9- Fazer orientações, sugestões e encaminhamentos de situações e acompanhamentos de alunos neuro divergentes
10- Promover mediações nos processos de ensino-aprendizagem

11- Propiciar atividades preventivas e interventivas entre docentes e discentes com objetivos psicopedagógicos para o desenvolvimento psicomotor, afetivos e sociais.

1.3- Razões para a Interface entre Psicologia Escolar e Educacional e Educação: Ética, Solidariedade Política e Desenvolvimento Humano e Social

Alertamos para necessidade de psicólogos escolares nas instituições de ensino e aprendizagem no estado de Pernambuco; defendemos uma Psicologia voltada para a construção de vínculos e parcerias entre o corpo docente, a gestão da escola e a comunidade, que promovam ações coletivas de cooperação para superação de dificuldades e o alcance de melhores índices de desenvolvimento humano na sociedade. Reconhecemos, todavia, muitos impasses para serem resolvidos no caminho para essa conquista, pois as Universidades e Faculdades do Estado ainda não oferecem formação em Psicologia Escolar e Educacional assim como não existem programas de Pós-graduação com essa linha de pesquisa. Sem a presença desse profissional na rede pública, a possibilidade de estágios em Psicologia Escolar é inexistente, limitando-se às raras iniciativas da rede privada de ensino. Por outro lado, para além desses impedimentos, na interface da Psicologia com a Educação é possível investir em uma abordagem de trabalho com crianças e adolescentes a partir de uma perspectiva crítica de construção do conhecimento e de intervenções.

a) Ética, Solidariedade e Política

A escassez de educadores habilitados para trabalhar com as questões no exercício da ética e da solidariedade política no âmbito da gestão escolar e da pedagogia dificulta a garantia dos direitos educacionais de crianças e adolescentes. Somos favoráveis ao argumento de que a presença de profissionais habilitados no campo da Psicologia viabiliza avanços e conquistas no processo ensino-aprendizagem. Defendemos que a presença de psicólogos nas instalações das escolas pode favorecer às atividades multidisciplinares que incluem: mapeamento institucional, escuta psicológica, assessoria ao trabalho coletivo nas análises das conjunturas atuais (sociais, culturais, econômicas) e acompanhamento do processo ensino-aprendizagem

(MARINHO-ARAUJO; ALMEIDA, 2005). Esses profissionais podem ser mediadores relevantes na interlocução com os diversos atores da comunidade escolar, na assessoria aos trabalhos coletivos, para desconstruir a superestimação em torno da prática psicodiagnóstica no ambiente escolar e desenvolver novas estratégias de avaliação.

Vieira (2021) reforça o conjunto de fundamentos e argumentos que sustentam a especificidade e relevância da Psicologia Escolar para a composição dos serviços educacionais ofertados aos cidadãos brasileiros. A autora destaca a perspectiva crítica centrada na ética e na política e resume as diretrizes para a atuação do psicólogo escolar (p. 68):

> Evidenciar a historicidade no processo ensino-aprendizagem e nas ações e experiências humanas dentro da escola; Promover transformações e sínteses no âmbito da aprendizagem, produção de conhecimento e relações interpessoais na escola; Promover politização das ações dos atores dentro das escolas na perspectiva da integração com a comunidade; Evidenciar a interatuação entre indivíduo (estudante, professor, gestor e funcionário), comunidade escolar e sociedade; Promover o exercício integrado teoria-prática no âmbito da Psicologia Escolar Crítica.

Del Prette (2003), Almeida (2003), Novaes (2001) e Carvalho; Araújo; Negreiros (2021) discutem sobre práticas e competências da Psicologia Escolar Crítica como construção de um novo saber para a justiça social. As autoras apontam questões atuais debatidas coletivamente entre profissionais desse campo, refletidas nas suas formações continuadas voltadas para o fortalecimento do compromisso ético-político, com ênfase na diminuição das desigualdades sociais (ver também CAVALCANTE; MARINHO-ARAUJO, 2019; MOREIRA, 2008).

b) Sobre as questões de Saúde na Escola

Uma visão generalizada das escolas estaduais localizadas na cidade do Recife, revela a atuação de profissionais não habilitados para trabalhar com temas importantes, como por exemplo, a transversalidade no âmbito da saúde. O acúmulo de funções, ocasionado por medidas para contornar problemas provocados por falta de planejamento e definições clara no projeto pedagógico, produz um esgotamento emocional frequentemente presente em situações de fracasso escolar, no qual se envolvem, professores, gestores, funcionários e alunos.

Relacionadas com essas questões, as orientações para a educação básica apresentadas no Parâmetro Curricular Nacional (PCN) e, mais recentemente, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prescrevem a atenção para aspectos emocionais e afetivos no trabalho dentro das escolas. Todavia, não é difícil encontrar indicativos de que aspectos emocionais e afetivos/ sociais dos alunos são negligenciados em algumas diretrizes estaduais para a educação básica, inclusive em Pernambuco. Essa é a realidade atual concreta, que impõem para o exercício da docência a convergência de toda a diversidade de ocorrências da condição humana manifestas em cenários educacionais. Nessa configuração do ambiente de trabalho nas escolas, o professor obriga-se ao acúmulo de funções para as quais não foi preparado durante sua formação.

Na prática, instaura-se o descaso para com a saúde dos profissionais da educação e o desinteresse para a produtividade necessária à eficiência do processo ensino-aprendizagem. Pesquisas realizadas em diversos cursos de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (BATISTA, 2010; MENDES, 2015) mostraram que a maioria dos docentes de escolas de educação básica (educação infantil e ensino fundamental) são diagnosticados com a Síndrome de Burnout, como consequência da carga de trabalho e sob condições típicas de adoecimento/sofrimento psíquico, devido às infraestruturas precárias que precisam aceitar no dia a dia da escola.

Para Moura et al. (2019), o acúmulo de funções frequentes no trabalho dos docentes é um dos fatores principais para o enfraquecimento da profissão:

> (...), o professor se vê obrigado a exercer funções para as quais não tem formação e capacitação profissional. Em muitas situações, erroneamente, são levados a cumprir o trabalho do assistente social, do psicólogo, do psicopedagogo, do enfermeiro etc. Isso porque, em sua rotina, o sistema educacional não oferece serviços adequados e equipe especializada (MOURA et al., 2019, p.10)

Por sua vez, os educandos vivem à iminência do fracasso escolar (reprovação, evasão, baixo nível de criticidade), não só por questões de transtornos psíquicos variáveis (deficiência intelectual, problemas neurológicos e sensoriais, transtornos neurocognitivos, TDAH, transtornos psicóticos) como também por problemas sociais (desigualdades de vários níveis, preconceito, trabalho) e dificuldades de acesso a políticas educacionais (PATTO, 1990).

É ofertada na rede pública de ensino em Recife, a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), na qual atendem-se jovens com especificidades diferenciadas de natureza física, sensorial ou intelectual, que apresentam transtornos globais de desenvolvimento. No AEE, é trabalhada a raiz da dificuldade (que pode ser social ou patológica), com o desenvolvimento de técnicas de intervenção psicopedagógicas numa perspectiva preventiva, para possibilitar avaliação e autonomia dos estudantes.

Todavia, de acordo Bossa (2007), essa abordagem não contempla a atenção para as emoções e os afetos, uma vez que o atendimento conduzido nessa sala é de responsabilidade de um profissional licenciado, com especialização em psicopedagogia ou educação inclusiva. Ao advogar a necessidade de um profissional de Psicologia Escolar para esses atendimentos, Guzzo, Mezzarila e Moreira (2012 apud CRP 02, 2012, p. 336) destacaram:

> "Alguns espaços institucionais contratam pedagogos que fizeram especialização em psicopedagogia e, quando questionadas sobre o porquê da não contratação do psicólogo escolar, respondem que o psicopedagogo atende às necessidades, não havendo, portanto, motivação para ter o psicólogo escolar /educacional em seus quadros" (CRP 02, 2012).

É necessário que se esclareça, que ao advogar a presença do psicólogo escolar para atuar com esses aspectos, Guzzo et al (2012) não referenciam uma abordagem clínica. Na verdade, o olhar das autoras toma outra direção: do desenvolvimento humano dentro das escolas, que pressupõe a análise de aspectos interinstitucionais, dos quais dependem o bem-estar psicossocial de todos que integram a comunidade escolar. Além disso, quando julga pertinente, a secretaria de educação pede auxílio à secretaria de saúde, por entender que as questões oriundas das escolas são de ordem patológica. Com essa conduta, é preterida qualquer análise dos aspectos sociais e culturais, como razões possíveis para que a criança, adolescente e inclusive docentes, inclusive, precisem de uma abordagem psicológica dentro das escolas.

Concordamos com Guzzo, Mezzalira e Moreira (2012) e Cunha e Betini (2003), quando interpretaram que esse funcionamento dá visibilidade ao desconhecimento dos gestores da educação básica nacional acerca do campo de conhecimento e das práticas em Psicologia Escolar. De acordo com esses autores,

quando psicólogos da secretaria da saúde são deslocados para realizar serviços educacionais, eles podem apenas remediar situações, além de reforçar abordagens individualizadas.

Além das salas de atendimento especializado, o Estado de Pernambuco lançou em 2007 na gerência de políticas em educação inclusiva, direitos humanos e cidadania, um projeto político pedagógico que desenvolve ações voltadas para jovens com algum tipo de deficiência, numa perspectiva inclusiva de educação (SEES-PE, 2007). Nesse novo modelo de intervenção multiprofissional, o psicólogo trabalha numa perspectiva interdisciplinar, no centro denominado Unidade Interdisciplinar de Apoio Psicopedagógico. Trata-se, todavia, de uma única política educacional e o psicólogo atua fora do ambiente escolar.

Na nossa ampla avaliação dos aspectos comentados, encarregar professores para lidar com a diversidade de questões humanas passível de se manifestar nas escolas, é uma confirmação da falta de investimentos para a composição de equipes multiprofissional dentro das escolas, com previsão, inclusive, para profissionais de saúde. É necessário que se desconstruam expectativas sobre atribuições do profissional de Psicologia Escolar no campo da saúde. Para este campo é preciso de se prever e concretizar a diversificação na composição equipe multiprofissional, com a ampliação para além da Psicologia e do Serviço Social. É preciso se pensar na integração da odontologia, oftalmologia e clínica média nessa equipe. Essa ampliação evitaria os problemas emergentes por se considerar que apenas professores podem fazer parte do quadro funcional essencial às escolas.

O cenário de resoluções impeditivas e pouco favoráveis à presença do profissional de Psicologia dentro das instalações da escola está na base do nosso interesse e motivou-nos para a investigação sobre as razões para lotação desses profissionais na SEDUC-PE e sobre as características do exercício da Psicologia Escolar nessas condições. Na nossa visão, a lotação dos psicólogos nas secretarias educacionais, prejudicam esse exercício, na sua finalidade de promover a eficiência do processo ensino-aprendizagem e as transformações necessárias às relações humanas dentro das escolas para o cumprimento do papel ético-político e cultural destas instituições na sociedade brasileira.

2. OBJETIVOS

O objetivo geral da nossa pesquisa abrangeu duas direções: a) analisar concepções de psicólogos sobre o trabalho no campo da Psicologia nas escolas normatizado pela SEDUC-PE e b) analisar apontamentos de professores da rede básica de ensino acerca do trabalho do profissional de Psicologia nas escolas. Também consideramos como objetivos específicos desta pesquisa:

- Discutir sobre a história da vinculação de profissionais de psicologia à SEDUC-PE
- Discutir sobre posicionamentos de educadores e psicólogos acerca da Lei nº 13.935/2019, de 2019
- Avaliar o potencial teórico-metodológico das narrativas para a pesquisa em Psicologia Escolar

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA NO CAMPO DA PSICOLOGIA ESCOLAR

Na pesquisa que relatamos aqui, focalizamos a produção de sentidos nas narrativas de professores da rede básica de ensino do Estado de Pernambuco sobre o trabalho de psicólogos nas escolas e de Psicólogos lotados na SEDUC-PE, sobre a psicologia voltada para os processos educacionais que exercem. Assumimos uma perspectiva crítica da Escolar que, por sua finalidade ético-política, alinha-se com referenciais teóricos-metodológico da pesquisa-intervenção.

De acordo com Soares e Ferreira (2006) a estrutura de pesquisa-intervenção revela-nos o funcionamento cíclico entre a dimensão histórica dos eventos no mundo as questões levantadas, enquanto objeto de investigação. Consideramos esses pressupostos e ressaltamos os processos comunicativos emergentes ao longo da pesquisa. Em outras palavras, reconhecemos no fomento à produção de sentidos, oportunidades para transformações na visão de mundo, mais especificamente, para revisão e avaliação de fundamentos que sustentam as práticas dos profissionais que participaram da nossa pesquisa. Relacionado com essas oportunidades está o exercício da ética que é finalidade da pesquisa-intervenção.

Com essas características, a nossa pesquisa reforça também pressupostos epistemológicos de uma abordagem ideográfica (RONDEL, 2003), na qual se prevê que cada fenômeno, cada objeto, cada indivíduo está sempre em transformação ao longo do tempo e se expressa com especificidade única. Como consequência, o conhecimento produzido refere-se às interpretações situadas e dependentes das condições metodológicas e culturais em que foi o estudo foi realizado.

Aplicamos, então, pressupostos da pesquisa intervenção e da abordagem ideográfica na pesquisa em Psicologia, assim como da atualidade das discussões de Valsiner (2012) sobre o Ciclo Metodológico ao nosso estudo. De acordo com o autor o ciclo metodológico é um esquema epistemológico, no qual se releva o caráter amplo da interdisciplinaridade na produção de conhecimento científico no campo da Psicologia. A partir desse esquema, os sentidos atribuídos aos fenômenos têm um valor simbólico e cultural “Os significados dos objetos conduzem seu valor cultivado e os objetos têm suas próprias biografias culturais” (VALSINER, 2012, p.16). Valsiner (2012) destaca que não existem certezas nas teorias, mas sim reflexões acerca do fenômeno abordado.

3.1- Uso de Narrativas na Pesquisa em Psicologia Escolar

No nosso desenho metodológico, consideramos observações de Bruner (1991), Moutinho e Conti (2016) e Branco e Rocha (1998) acerca do uso de narrativas para a produção de conhecimento sobre desenvolvimento humano e aprendizagem em cenários educacionais. De acordo com Bruner (1991) nós, seres humanos, organizamos nossas vivências psicológicas no tempo. Todos os nossos pensamentos são narrativos e usamos o tempo para produzir sentidos. As narrativas resultam desse funcionamento; elas são ações sociais. Bruner (1991) qualifica a narratividade como funcionamento psicológico e instrumento da pesquisa no campo da Psicologia, quando informante e pesquisador podem construir histórias escritas ou orais. Nessas histórias, a sequência dos eventos narrados, reflete a negociação de sentidos do narrador para suas experiências no mundo.

Para explicar como o narrador analisa suas experiências, Bruner (1991) descreveu uma abordagem interpretativa, na qual sustenta-se a constituição cultural do pensamento e da linguagem humana. De acordo ele, a investigação narrativa é extremamente importante no campo educacional, pois oferece ao educando a possibilidade de expressar seus pensamentos acerca do seu engajamento na sociedade (ver também, VIEIRA, 2021).

Moutinho e Conti (2016) corroboram com esse pensamento e destacam que, o uso metodológico das narrativas favorece a reconstrução de relações sociais, na medida em que tempo e espaço das experiências são revisitados narrativamente, para que o narrador habilite uma renovação de significados para suas experiências no mundo. Essa habilitação é uma ação do presente, quando lhe é solicitado que conte sua história, ou fale sobre um determinado tópico.

Para chamar a atenção sobre o alcance das narrativas na produção de conhecimento, Valsiner (2012, p. 437) destacou que “a retórica de narração das histórias que emanam do trabalho empírico nas ciências sociais demonstra a organização social da construção do conhecimento”. Nesse depoimento, o autor evidencia o processo cíclico entre intuições narrativas do pesquisador, observação empírica e os fatos culturais entrelaçados pelos participantes da pesquisa.

No uso das narrativas na nossa pesquisa, privilegiamos o aspecto no qual o participante entrelaça fatos culturais na negociação dos sentidos para sua narrativa endereçada ao pesquisador. Naturalmente, não desconsideramos que, essa negociação

pressupõe o papel do tempo para ordenação dos sentidos. Todavia, considerando os objetivos na nossa pesquisa, esse papel do tempo, destacado sobretudo por Bruner (1997) não foi analisado.

Adotamos, portanto, as narrativas como principal instrumento teórico-metodológico da pesquisa que relatamos aqui. Trabalhamos com cenários de produção de narrativas a partir da apresentação de enunciados incompletos para os participantes, os quais construíram desfechos para as histórias iniciadas nesses enunciados. Na construção dos seus desfechos para histórias iniciadas os participantes desfilaram explicações e justificativas para as questões que investigamos.

3.2 UM ESTUDO PILOTO

Conduzimos um estudo piloto com a finalidade de uma avaliação prévia de procedimentos que propomos em parte da nossa metodologia. Dessa forma, pudemos antecipar dificuldades e revisar alguns procedimentos para possibilitar o alcance dos objetivos da pesquisa.

Para a realização do estudo piloto, convidamos como participantes, uma *psicóloga* que trabalha no setor privado de educação, doutoranda em Psicologia Cognitiva e uma professora do quadro efetivo da rede pública de ensino do Recife, com formação em pedagogia e doutoranda em educação.

Entrevista com uma psicóloga

Como mencionamos na descrição da metodologia, devido à grande disseminação do coronavírus em Recife, optamos por realizar a pesquisa de forma virtual, no caso, através da plataforma *google meet*. A atividade realizada com a psicóloga foi conduzida em dois momentos (em dias diferentes). No primeiro dia, iniciamos com a leitura do Termo de Livre Esclarecido - TCLE para a participante, com o qual foram expostas explicações sobre a pesquisa. Após esclarecimento das dúvidas, apresentamos no *Google Meet*, o enunciado abaixo:

> *Em festa comemorativa de fim de ano dos psicólogos da SEDUC, a felicidade era contagiante por causa da aprovação da lei 13.935/2019, que determina a inserção dos psicólogos dentro das escolas públicas. Os psicólogos falavam muito das suas expectativas... (continue a história)*

Nosso propósito com a apresentação deste enunciado foi fomentar a reflexão e escrita dos psicólogos participantes sobre suas expectativas relacionadas com as transformações nos serviços educacionais a partir da aprovação da Lei 13.935. Após a leitura deste enunciado, pedimos para que a participante (deste estudo piloto) que abrisse o programa *Word* em seu computador e a instruímos para a escrita de um desfecho para este enunciado. Disponibilizamos, então, um intervalo de 30 a 40 minutos para esta escrita. Durante todo o intervalo de escrita, o microfone e a *webcam* permaneceram ligados para, se necessário, responder aos questionamentos da participante. Após meia hora de escrita livre a participante apresentou-nos o seguinte texto:

[...] Pois se trata de algo que, há muito tempo, tramitava no congresso. Com a sua aprovação criou-se muitas expectativas, tendo em vista que, para os psicólogos, a aprovação da lei é considerada uma grande conquista e marco que vem trazer maior visibilidade para o campo da psicologia educacional, ao reconhecer sua importância para a psicologia e enquanto área de atuação profissional. Nesse sentido, há uma expectativa de que haja uma expansão significativa e mais oportunidades de inserção profissional para psicólogos educacionais. Ademais, também é esperado que haja uma expansão em pesquisas e estudos que visem melhor compreender a inserção da psicologia educacional em escolas públicas, tendo em vista que se trata de algo novo, ainda não visto até então. Esses tratam-se de exemplos que corroboram com a afirmação dita acima sobre o maior reconhecimento e visibilidade que este campo de atuação ganha com a aprovação da lei e, consecutivamente, com a expansão de espaços para a atuação profissional de um maior reconhecimento da importância desse campo.

Recebi o texto e perguntei-lhe como se sentiu ao fazer essa atividade. Como resposta, recebi um sorriso, na medida em que ela declarou ter sido muito gratificante falar de um assunto tão importante para as políticas públicas brasileiras. Finalizamos o primeiro dia e agendei um reencontro para a semana seguinte, com a finalidade de dialogarmos sobre alguns pontos desta narrativa escrita.

Voltamos uma semana depois, para, em uma conversa, explorar e esclarecer aspectos mencionados na narrativa escrita pela participante e para abrir mais uma oportunidade para que ela complementasse, com o apontamento de outros aspectos também relacionados com o foco previsto para o enunciado. Neste segundo dia, reli o

texto para a psicóloga e informei que havia destacados alguns trechos, para os quais precisava de mais esclarecimentos. Perguntei-lhe se ela gostaria de fazer esses esclarecimentos e com a sua concordância reapresentei os seguintes trechos destacados de sua própria narrativa:

> Trecho 1 – "*também é esperado que haja uma expansão em pesquisas e estudos que visem melhor compreender a inserção da psicologia educacional em escolas públicas, tendo em vista que se trata de algo novo, ainda não visto até então"* (grifo adicionado para a nossa análise).

Com a nossa reapresentação para psicóloga desse trecho de sua escrita, intencionamos a obtenção de esclarecimentos para sua expressão "algo novo". Indagamos-lhe na ocasião sobre o que seria esse algo novo. Como resposta, ela complementou:

"o modo de funcionamento que escola está atualmente. Crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagens, pais e familiares com problemas sociais que perpassam essas mazelas pros filhos, falta de um acompanhamento mais junto do aluno e junto com o professor, falta de um profissional que tenha uma escuta qualificada dos saberes psicológicos. Falta de programas, planos e projetos para a erradicação do fracasso escolar".

> Trecho 2- "*a aprovação da lei é considerada uma grande conquista e marco que vem trazer maior visibilidade para o campo da psicologia educacional, ao reconhecer sua importância para a psicologia e enquanto área de atuação profissional"* (grifos adicionados para nossa análise).

Com a reapresentação desse trecho solicitamos-lhe esclarecimentos sobre a importância da psicologia no contexto escolar e dessa visibilidade maior que foi mencionada na sua narrativa. A psicóloga, então, nos respondeu:

"a psicologia escolar em Pernambuco nunca foi bem-vista, acho que pelo próprio histórico que a psicologia escolar tinha antigamente de fazer clínica e uma psicologia mais excludente. Talvez isso reverbere nos tempos atuais, com a confusão que fazem

com os psicopedagogos, já que em Pernambuco é muito escolar, que trabalha com todos os segmentos da área escolar e não fazendo os modelos diagnósticos ou de avaliação"

Entrevista com a professora

Em linhas gerais, seguimos os mesmos procedimentos na entrevista com a professora (apresentação do TCLE, esclarecimento de dúvidas, instrução para a escrita de um desfecho, com a disponibilidade do mesmo intervalo de tempo e a permanência do microfone e *webcam* ligados). A principal diferença foi o enunciado que lhe apresentamos (abaixo indicado), com o qual focalizamos as questões dos professores relacionadas com a função do psicólogo escolar.

> *Professores da rede pública de uma cidade do interior de Pernambuco aguardam pelos novos profissionais concursados, inclusive psicólogos, que serão integrantes da equipe pedagógica de suas escolas. Entre os professores, as expectativas sobre a entrada dos psicólogos nas escolas... (continue a história...).*

Antes de iniciar a atividade, a professora perguntou-me se havia algum método específico para discorrer sobre o enunciado e expliquei-lhe que ela estava livre para escrever, que deveria refletir sobre o que pensava. Não houve mais questionamentos. Após o término da escrita, a professora me enviou seu texto por e-mail, abaixo indicado:

"É muito grande! Imagina poder ter um trabalho multidisciplinar com os estudantes na rede pública. O que era realidade nas instituições privadas de ensino passa a ser também nas instituições públicas de ensino. Essa sempre foi uma demanda colocada por nós professores. A escola abarca muitas demandas, entre elas, o cuidado com o emocional das nossas crianças e jovens. Entretanto, nós professores não temos formação e nem conhecimento mínimo de como proceder em determinadas situações dentro da escola. O desafio de ter que "tratar" dessas situações dentro da escola é muito difícil. Inclusive, muitas vezes me sinto insegura de ter que tratar sobre o tema ou de quais encaminhamentos é necessário dar aos estudantes, podendo assim, até atrapalhar o estudante na sua melhoria. Penso que a chegada desses profissionais

também vai trazer um trabalho preventivo para dentro da escola... Esses profissionais vão poder criar projetos dentro da escola de educação emocional, por exemplo, ou mesmo atender alguns estudantes que porventura precisem. Diariamente, nós professores, lidamos dentro da escola com crianças vítimas de abuso, maus tratos, agressões, abandonos e que impactam na aprendizagem e no seu comportamento dentro do espaço escolar. Bem como, de professores que também vivenciam problemas pessoais ou mesmo dentro da escola que precisam desse acompanhamento profissional. Sendo assim, acredito que a presença dos psicólogos dentro da escola trará melhorias significativas tanto no ensino quanto na aprendizagem! Por fim, desejo que seja garantida a entrada e permanência desses profissionais dentro da escola para que a educação de Petrolina siga avançando".

Depois que recebi o seu texto, agradeci e perguntei-lhe sobre o que ela achou da atividade. A sua resposta foi que adorou escrever sobre a participação dos psicólogos na rede pública uma vez que, no seu local de trabalho, nunca houve a parte da psicologia trabalhando com os professores. Agradeci, mais uma vez, por sua participação na pesquisa e agendamos um reencontro para após o intervalo de uma semana.

Na semana seguinte, informei-lhe que estávamos ali para explorar, comentar e esclarecer trechos da sua narrativa escrita e para dá-lhe oportunidade para complementar suas ideias, caso fosse sua vontade. Nesse momento, apresentei-lhe, então, um que dizia:

> Trecho 1: "*Essa sempre foi <u>uma demanda</u> colocada por nós professores"* (grifo adicionado para nossa análise).

Em seguida, pedi para ela discorrer mais sobre esse ponto, pois julgamos que a expressão "demandas" sugeria uma grande amplitude de sentidos. Ela então relatou:

"sim, tudo que é "problema" na escola, somos nós que resolvemos. Questões de violência, processos de aprendizagens como leitura e escrita que o aluno não consegue fazer e está numa série avançada ou até mesmo fazer uma "terapia" com os pais sobre o comportamento do aluno, tudo isso vem demandado pra nós".

Em seguida apresentamos-lhe um segundo trecho de sua escrita

> Trecho 2: "*O desafio de ter que 'tratar' dessas situações dentro da escola é muito difícil"* (grifo adicionado para nossa análise.)

De forma semelhante ao texto anterior, a expressão 'tratar' pareceu-nos possibilitar uma grande convergência de ideias, considerando-se, inclusive que ela colocou entre aspas. Questionamos sobre o uso do verbo *tratar* no seu texto, e sobre a razão de ter sido colocado entre aspas. Gostaríamos de ouvir um pouco mais sobre o que ela estava pensando nesse momento de sua escrita. Como resposta, ela explicou que o *tratar*, vem no sentido de "*acolher a criança para um processo de escuta mais ampliada*". Perguntei-lhe se essa escuta mais ampliada seria como um modelo clínico e ela me respondeu "*sim, que a criança possa falar dos seus problemas de uma maneira mais individual*".

Apresentamos-lhe, ainda, um terceiro trecho de sua narrativa escrita:

> Trecho 3: "*Bem como, de professores que também vivenciam problemas pessoais ou mesmo dentro da escola que precisam desse acompanhamento profissional"* (grifo adicionado para nossa análise).

Perguntamos sobre a relação entre os problemas vividos por eles e o exercício da função docente. Então ela respondeu:

"*muitas das vezes, os professores chegam com demandas pessoais e não tem um suporte do município para uma avaliação médica, como um afastamento. Assim, os professores estão ocupando cargos que é considerado desvio de função e até mesmo o próprio trabalho que está sendo mal valorizado dentro da educação"*.

Resultados e avaliação geral do estudo piloto

O estudo piloto possibilitou-nos uma prévia visualização do alcance dos procedimentos metodológicos que desenhamos para responder aos objetivos da nossa pesquisa. A partir das narrativas escritas pelas participantes, observamos que os enunciados favoreceram a uma ampla reflexão e manifestação de informações

relacionadas com o foco previsto para cada enunciado utilizado neste estudo.

Além disso, os encaminhamentos ao longo da condução da atividade, com a oportunidade para os participantes revisitarem suas narrativas para esclarecer e complementar informações, foram favoráveis ao engajamento das participantes na produção de conhecimento com a qual nos empenhamos. Dessa forma, cumprimos com pressupostos da pesquisa de intervenção, que se refere ao seu comprometimento político e social e sua intenção transformadora do cenário original da investigação. Com isso referimo-nos a possibilidade de os participantes rever opiniões e fortalecer concepções sobre o trabalho da Psicologia Escolar.

Reconhecemos, entretanto, que muito há ainda para ser feito no caminho para definição dos parâmetros para análise das narrativas que serão produzidas nessa pesquisa. A nossa expectativa é que, a partir da análise dessas narrativas, reuniremos informações e argumentos que permitam dar visibilidade aos prejuízos para os serviços educacionais, relacionados com atuação de psicólogos à distância, dentro da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, por exemplo, por impedir que esses profissionais façam parte das relações interpessoais cotidianas emergentes nas instalações das escolas.

Encerrada esta fase, iniciamos, então, a pesquisa propriamente dita, na qual aplicamos os procedimentos testados no estudo piloto.

3.3- Local de Pesquisa

As entrevistas com os psicólogos foram todas (da primeira e segunda fase dos procedimentos) realizadas de forma presencial, na sede da SEDUC-PE. No que se refere às entrevistas realizadas com os professores, toda a primeira fase foi realizada de forma presencial nas instalações das escolas. Entretanto, devido as dificuldades de horários disponíveis durante a semana de três professores (de um total de cinco), realizamos as entrevistas da segunda etapa dos procedimentos, nestes casos, no formato *online* (detalhamos mais adiante o plano da realização das entrevistas que cumprimos nesta pesquisa).

3.4- Participantes da Pesquisa

Os participantes foram (05) cinco professores concursados que atuam na rede básica de ensino, em escolas públicas do Estado de Pernambuco e (02) dois psicólogos

que integram o quadro permanente da SEDUC-PE, com sede no bairro da Várzea, no município de Recife. Justificamos que precisamos reduzir o número participantes inicialmente planejado devido à intercorrências já conhecidas nos serviços educacionais; no caso, por razão de uma greve de professores no Estado de Pernambuco no período em que realizávamos as entrevistas e por alegação de problemas de saúde por outros psicólogos que contatamos para participar de nossa pesquisa.

3.5- As entrevistas para a produção das narrativas dos professores

O convite para os professores participarem desta pesquisa partiu de uma conversa informal, considerando-se que o pesquisador responsável por esta pesquisa já atuou como estagiário no campo da Psicologia Educacional e tem amplo contato com diferentes escolas do Estado de Pernambuco e com seu corpo docente.

O nosso desenho metodológico consistiu na apresentação de três enunciados incompletos para que os professores escrevessem desfechos para histórias apenas iniciadas. A realização desse procedimento foi cumprida em duas etapas. Na primeira, apresentamos os enunciados, um de cada vez, para que os professores, individualmente, escrevessem desfechos para as histórias apenas iniciadas. De posse das narrativas escritas (os desfechos os enunciados), o pesquisador procedeu uma leitura e para cada uma delas, definiu uma *questão gerativa* para disparar uma conversa, planejada como segunda etapa dos procedimentos. A questão gerativa consistiu no destaque de um trecho, capturado no texto da narrativa do professor, que consideramos ter um potencial informativo, entretanto ainda pouco esclarecido.

A segunda etapa dos procedimentos para a produção das narrativas foi cumprida com um segundo encontro do pesquisador com os participantes, para explorar as informações descritas nas narrativas já produzida na fase anterior. Nesse retorno, o pesquisador releu a narrativa diante de cada professor e apresentou-lhe a questão gerativa correspondente ao seu texto, informando-lhe esta questão foi retirada da sua narrativa. O pesquisador, então, solicitou ao professor que falasse um pouco mais da situação indicada na questão gerativa. Essa etapa dos procedimentos foi registrada em áudio. A justificativa para essa opção foi prevenir que os participantes considerassem que se tratava de uma

repetição e se desmotivassem para a atividade. Dessa forma, procedemos uma ampliação das informações descritas nas narrativas produzidas na primeira etapa.

A figura 1 refere-se a um recorte da narrativa de uma das professoras participantes, que usamos aqui para ilustrar as duas etapas dos procedimentos realizados para fomentar a produção das narrativas pelos professores. Nesta figura indicamos o enunciado (uma história apenas iniciada) sobre o qual a professora escreveu um desfecho e as narrativas (o desfecho ou continuidade da história) com situações sublinhadas, que indicam os sinais que consideramos para definição das unidades temáticas, cujas denominações estão descritas na primeira coluna. Tratam-se, portanto, de denominações para unidades de significação, ancoradas principalmente pela repetição de palavras e expressões que tiveram o seu uso associado com sinônimos (esses aspectos são retomados no item em que descrevemos os procedimentos para análise das narrativas). Nesta figura indicamos também, como procedemos para o uso das questões gerativas, com a finalidade de ampliar as informações descritas nas narrativas na primeira etapa da produção de dados nesta pesquisa.

Trabalhamos com professores individualmente, para a escrita dos desfechos para os enunciados, um de cada vez em dias diferentes, reservando-lhes trinta minutos. Os três enunciados elaborados pelo pesquisador objetivaram a produção de sentidos pelos professores, sobre as atribuições do serviço de Psicologia Escolar. Indicamos abaixo os enunciados que fizeram parte do nosso desenho metodológico.

Enunciado 1:

Professores da rede pública de uma cidade do interior de Pernambuco, aguardam pelos novos profissionais concursados, inclusive psicólogos, que serão integrantes da equipe pedagógica de suas escolas. Entre os professores, as expectativas sobre a entrada dos psicólogos nas escolas ... (continue a história...)

Enunciado 2*:*

Em uma escola estadual localizada em uma área de difícil acesso na região metropolitana de Recife, há uma alta incidência de violência e muitos casos de adolescentes com dificuldades de aprendizagem. Considerando-se que ainda não há o serviço de Psicologia nessa escola, alguns professores ... (Continue a história...).

Enunciado 3:

Em conversa, dois professores comentavam sobre demandas que precisam assumir para as quais não foram preparados. Eles partilhavam dúvidas e inseguranças sobre... (Continue a história...).

FIGURA 1: Procedimentos para ampliação das informações nas narrativas

UNIDADE TEMÁTICA/ SIGNIFICAÇÃO	ENUNCIADO I- *Professores da rede pública de uma cidade do interior de Pernambuco, aguardam pelos novos profissionais concursados, inclusive psicólogos, que serão integrantes da equipe pedagógica de suas escolas. Entre os professores, as expectativas sobre a entrada dos psicólogos nas escolas ... (continue a história...)*
PROFESSOR FAZ: prática pedagógica	É grande, pois esses professores sabem a importância e as reais necessidades desses profissionais na escola. Uma vez que, a prática educacional não consegue abranger e atender as lacunas que envolvem as questões psicológicas. Na prática educacional é comum nos depararmos com problemas que vão além das demandas escolares, mesmo algumas questões que estamos acostumados a nos depararmos,
DEMANDAS DO PSICÓLOGO ESCOLAR: tratar/atender questões psicológicas no cotidiano da escola	precisa de apoio de um Profissional da área para de forma conjunta possamos atender as reais necessidades cotidianas da escola. Os alunos e famílias estão em constante conflitos emocionais, esses conflitos não ficam fora da escola. É comum que questões emocionais tragam problemas e desequilíbrio pedagógico, não tem como andar separados. Entendendo essa demanda, se faz necessário um profissional (psicólogo) junto a equipe pedagógica no cotidiano da escola.
Retorno do pesquisador	Questão gerativa 1: No seu texto a senhora escreveu: "a prática educacional não consegue abranger e atender as lacunas que envolvem as questões psicológicas" poderia explicar um pouco mais o que a senhora quer nos informar sobre esse trecho? O que dificulta a abrangência da prática educacional na sua opinião? Pode esclarecer sobre essas lacunas?
PROFESSOR FAZ: práticas pedagógicas /atenção para cada aluno	A gente ainda vive com algumas práticas pedagógicas direcionadas para a turma como o todo, sem entender que cada cidadão é único é... cada pessoa tem sua história de vida e aí eu sinto é... necessidade de, às vezes, a gente trabalhar algumas práticas e ter tempo essas práticas de acordo com o aluno, então o aluno não vai ter o mesmo entendimento, né?! cada aluno vai ter o entendimento de algum conteúdo, cada aluno vai responder diferente diante de uma avalição, e eu acho que a gente caminhou muito com esse olhar, mas a gente ainda tá preso aquela prática pedagógica onde todos têm que aprender da mesma forma.
Pesquisador (ainda no retorno)	Questão gerativa 2: Também no seu texto, a senhora escreveu: "Entendendo essa demanda [Os alunos e famílias estão em constante conflitos emocionais], se faz necessário um profissional (psicólogo) junto a equipe pedagógica no cotidiano da escola". Eu gostaria de ouvir da senhora um pouco mais sobre de que forma o profissional de psicologia poderia atuar ajudando a escola a lidar com essa demanda?
DAMANDAS DO PSICÓLOGO ESCOLAR: Interação do psicólogo com a equipe pedagógica	Eu entendo que as relações, é... entre um psicólogo dentro da escola com a equipe pedagógica, tem que ser em sintonia, né?! é... alguns alunos, eles precisam ser acompanhados pra além do pedagógico, é... fazendo a interação com família, aluno e a parte docente – professores e coordenação.

3.6- As entrevistas para a produção das narrativas dos psicólogos da SEDUC-PE

Entrevistamos psicólogos que passaram no último concurso (2008) para o quadro permanente SEDUC-PE, os quais atuam como técnicos educacionais dentro das

gerencias regionais de ensino (GRE). Nas entrevistas fizemos uso dos mesmos procedimentos que descrevemos para os professores, que se referem, essencialmente, à apresentação de enunciados incompletos para a escrita de desfechos para histórias apenas iniciadas.

No caso dos psicólogos, apresentamos quatro enunciados incompletos (indicados abaixo) que foram elaborados considerando-se um levantamento de aspectos relacionados com a atuação do psicólogo na SEDUC-PE, que julgamos relevantes para que os profissionais voltem sua atenção para as implicações de sua atuação distanciada das instalações concretas das escolas. Nesses enunciados abordamos diferentes questões no âmbito dos processos educacionais, incluindo aspectos trabalhistas, para disparar a reflexão dos profissionais acerca do serviço de Psicologia nas escolas públicas de Pernambuco. Os quatro enunciados foram apresentados individualmente aos psicólogos, de forma presencial, em quatro dias diferentes, com a instrução de que eles teriam de trinta a quarenta minutos para a escrita de desfechos (narrativas).

Enunciado 1:

Em janeiro de 2015, em uma cidade brasileira, mais de 27 profissionais foram convocados para assumir o cargo de psicólogo escolar dentro da Secretaria de Educação do Estado. Dentre suas atribuições constava... (continue a história)

Enunciado 2

Em conversa com um conhecido que atua em uma Secretaria de Educação ele comentou que, quando há demandas especificas, o psicólogo escolar se vê com dúvidas e confuso sobre como resolvê-las e busca... (continue a história...)

Enunciado 3:

Psicólogos que atuam na Secretaria de Educação são frequentemente solicitados por escolas estaduais para resolver problemas que ocorrem dentro delas, de natureza e gravidade diversa. Nessas situações... (continue a história)

Enunciado 4:

Em festa comemorativa de fim de ano para psicólogos de uma Secretaria de Educação, a felicidade era contagiante por causa da aprovação da Lei 13.935, *que autoriza a*

inserção dos psicólogos no quadro funcional das instituições públicas de ensino e aprendizagem. Os psicólogos falavam muito das suas expectativas ... (continue a história)

3.7 – Análise das narrativas

Encerrada as duas etapas para escrita dos desfechos dos enunciados por professores e psicólogo, iniciamos uma apreciação geral e ainda assistemática das narrativas escritas e dos áudios. Detalhamos abaixo, os procedimentos metodológicos cumpridos para análise das narrativas incluindo-se as duas etapas que descrevemos no item anterior:

1. *Transcrição dos registros do áudio produzido no segundo encontro*

A transcrição consistiu formatação do texto oral para o texto escrito, sem se considerar a orientação de normas técnicas específicas.

2. *Leitura preliminar e assistemática do conjunto das narrativas*

A nossa leitura preliminar chamou-nos a atenção para a diversidade de tópicos, temas e explicações que os participantes se referem para construir uma opinião sobre as questões que os enunciados provocavam. Essa fase da análise foi muito importante, pois, nos deparamos com múltiplas questões que envolvem o uso de textos, escritos e orais, como principal fonte de informação na pesquisa. Refletimos aqui sobre as discussões de Vigotski (2004) acerca da produção de conhecimento científico no campo da Psicologia, tecidas no seu livro *Teoria e Método em Psicologia*, quando ele chamou a atenção para os limites da pesquisa experimental para se explicar processos de natureza histórica e social e destacou problemas metodológicos para justificar a crise da Psicologia na sua época. Nessa obra Vigotski (2004) especificou os limites do experimentalismo ao apontar para a mediação da linguagem no funcionamento psicológico humano e divulgar argumentos para comunidade científica sobre as razões para se tomar a produção de significados como fenômeno central da pesquisa no campo da Psicologia.

Revivemos na fase preliminar de nossa análise, dificuldades metodológicas no trabalho com narrativas, que pressupõe procedimentos complexos se tomamos como parâmetro pressupostos da pesquisa experimental tradicional. Nesse contexto, refletimos

sobre possibilidades de abordagens que se destinam à análise de conteúdos, que frequentemente remetem-se aos procedimentos de Bardin (2016), mas optamos por construir o nosso próprio desenho de análise, com o propósito de acentuar a coerência entre teoria e método na pesquisa em Psicologia. A coerência que intencionamos fortalecer reside na escolha por estratégias que deem visibilidade à complexa interdependência entre as dimensões histórica e social das experiências humanas no mundo e a produção de sentidos na linguagem.

3. *Definição de critério para análise de tema e significação nas narrativas*:

Nessa perspectiva, a nossa opção foi referenciar as explicações de Bakhtin e Volochnov (1988) sobre a relação entre tema e significação, enquanto dinâmica que caracteriza a enunciação que, no conjunto da obra do autor, é tomada como unidade de análise linguística. Para o autor, a fala (enunciação) está relacionada com condições de comunicação entre pares e estruturas sociais, que ativam ideologias e transformam experiências humanas em sua convivência dentro de comunidades. Os autores referem-se à natureza ideológica do signo linguístico, sugerindo que toda mudança nas experiências comunitárias leva a transformação da língua que, por conseguinte, modifica a consciência (BAKHTIN & VOLOCHNOV, 1988). Na sua abordagem, a fala é constitutiva da historicidade dos cidadãos, que pode ser conhecida [a historicidade] através dos sentidos e significados que eles produzem:

> "A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um "horizonte social". Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. *A filosofia marxista da linguagem deve colocar como base de sua doutrina a enunciação, como realidade da língua e como estrutura sócio-ideológica* "(BAKHTIN & VOLOCHNOV, 1988, p. 9; grifo original).

Nesse pensamento, a relação entre tema e significação é tomada como constitutiva da enunciação; é a dinâmica que sustenta a enunciação. Para esclarecer como o tema constitui a enunciação ele declarou:

> "... tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação" (BAKHTIN,1988, p. 132).

O complexo funcionamento entre enunciação, tema e significação no trabalho de Bakhtin e Volochnov foi tratado nos seguintes termos: “tema absorve, dissolve em si a significação, não deixando possibilidade de estabilizar-se e consolidar-se” (BAKHTIN & VOLOCHNOV,1988, p. 130). No caminho para operacionalizar essas explicações como procedimento para analisar as narrativas de professores e psicólogos, atentamos para a necessidade estabelecer um critério para diferenciar os temas abordados nessas narrativas. Na nossa opinião, precisávamos de uma estratégia que vinculasse elementos dos textos aos aspectos ideológicos mencionados pelo autor.

Não foi tarefa fácil, mas a nossa leitura do texto dos participantes mostrou-nos situações recorrentes nas quais, ao longo da construção dos significados, os participantes repetiam palavras e expressões em intervalos relativamente curtos do texto. Uma visão da íntegra do texto possibilitava-nos observar que havia diferentes intervalos, marcados por essas repetições. Seguindo o fluxo das variações dos significados, os nichos dessas repetições também variavam.

Decidimos, então, como procedimento inicial para delimitar *unidades temáticas* nos textos integrais das narrativas, marcar a repetição próxima de pelo menos três palavras, que podiam estar combinadas com sinônimos. O argumento para essa decisão foi que essas repetições são sinais mais concretos dos participantes para chamar a atenção para um determinado tema.

Na continuidade da análise dos intervalos de repetição de palavras combinadas com sinônimos para levantamento dos temas das narrativas, deparamo-nos com situações nas quais o procedimento precisou ser revisto. Isso aconteceu principalmente com relação as narrativas dos psicólogos. Observamos, então, que as situações de repetição permaneciam, mas elas só puderam ser capturadas quando tomamos expressões compostas por frases (não apenas palavras), que se associavam também à sinônimos, para o fluir da construção de significados dos participantes sobre as questões apresentadas nos enunciados.

O passo seguinte dessa análise foi acomodar uma proposta de significação para composição do conjunto de repetições (fossem das palavras ou das expressões) que caracterizava diferentes momentos temáticos no texto integral. Chamamos de *unidade de significação*, tratada de forma análoga como *unidade temática*, o esforço metodológico

para nomear a configuração de um conjunto de repetição de palavras e expressões associadas a sinônimos.

Na figura 1 (apresentada em secções anteriores deste relato), ilustramos como procedemos para levantamento dos temas e para compor suas denominações assegurando a sua interdependência com a significação, na forma foi discutida por Bakhtin e Volochnov (1988). Na primeira coluna, indicamos denominações para unidades temáticas/de significação relacionadas com intervalos de repetições aproximadas, que se tratou de palavras e expressões com sentidos sinônimos. Mais especificamente, na figura 1 observamos repetições da expressão "prática educacional" associada com a expressão "demandas escolares e questões que estamos acostumados" que, naquele contexto, refere-se ao sentido semelhante de prática educacional. Consideramos essa repetição como sinais textuais concretos de que aquela professora abordava o tema das práticas pedagógicas.

A partir dessa observação desprendemos um esforço metodológico para compor uma denominação, através da qual pudéssemos sinalizar a interdependência entre o tema e a significação. Assumimos nesse momento, as explicações de Bakhtin e Volochnov (1988), já mencionadas em secções anteriores deste relato, acerca da constituição social e ideológica dos discursos humanos. Assumimos também sua observação na qual destacou que a relação entre tema e significação é instável e sempre inacabada, pois, um se dissolve na outra e vice-versa (BAKHTIN & VOLOCHNOV, 1988, p.30). Operamos com o reconhecimento dessas observações para compor a denominação de PROFESSOR FAZ: práticas pedagógicas.

Nessa denominação, a referência ao professor, ancora-se ainda em elementos linguísticos do trecho analisado da narrativa (a palavra professores, o uso do pronome pessoal e o tempo verbal que indica se remeter a terceira pessoa do plural nós). A composição PROFESSOR FAZ é o próprio salto para significação, que pressupõe uma articulação com o reconhecimento de aspectos históricos, ideológicos e sociais no âmbito dos processos educacionais. Processo semelhante foi realizado para a denominação da unidade temática/de significação DEMANDAS DO PSICÓLOGO ESCOLAR. Ainda como esforço metodológico, no momento da denominação das diferentes unidades temáticas/de significação, procedemos uma padronização, com a qual asseguramos que

situações consideradas com alto grau de semelhanças fossem indicadas com a mesma denominação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Trabalhamos com os textos integrais das narrativas e o registro das repetições para definir as unidades temáticas/de significação, assim como as suas respectivas denominações podem ser observadas nos anexos 1 e 2. Para interpretação dos resultados, consideramos que todos os enunciados se remeteram igualmente aos objetivos da pesquisa; isto é, não foi nosso propósito uma análise de especificidades de respostas considerando discriminadamente, cada enunciado apresentado aos participantes.

Devido à grande extensão do conjunto dos registros das unidades temáticas/de significação, assim como de suas respectivas denominações, optamos por construir sínteses, para uma melhor organização e apresentação dos resultados. O procedimento para síntese foi o levantamento de frequências das unidades temática/de significação. Essas sínteses foram apresentadas nos quadros 1 e 3, que se referem aos dados dos professores e dos psicólogos respectivamente.

4.1- Das narrativas dos professores

O quadro 1 reuni o conjunto total das unidades temáticas/de significação relativas as narrativas dos professores, indicadas neste quadro por suas respectivas denominações e pela discriminação de suas frequências. Avaliamos que este quadro possibilita uma visão ampla dos temas discutidos pelos professores quando foram instruídos para descrever desfechos para situações que envolviam questões sobre o trabalho do psicólogo nas escolas.

Consideramos que o quadro 1 é bastante informativo, pois, ainda que na qualidade de síntese, ele indica uma variabilidade de aspectos relacionados com as unidades temáticas/de significação mais frequentes. Neste quadro, é possível observar, por exemplo, diferentes atividades apontadas nas narrativas dos professores como demandas do psicólogo escolar. Também é possível observar os aspectos destacados pelos professores para denunciar exigências para atendimento de demandas para as quais julgam-se despreparados (um nível ainda mais detalhado desses aspectos pode

ser observado nos quadros onde registramos o levantamento das repetições, no anexo 1).

QUADRO 1: Frequência geral de unidades temáticas/significação (professores)

UNIDADE TEMÁTICAS/ DE SIGNIFICAÇÃO		Frequência
Ambiente escolar seguro		2
Demandas do psicólogo escolar	Interação com equipe pedagógica	4
	Resolver problemas	1
	Ter conhecimento	3
	Atender questões psicológicas no cotidiano da escola	1
	Auxiliar nas dificuldades de aprendizagens	1
	Dar aulas	1
	Fazer clínica na escola	2
	Identificar necessidades especiais	2
	Propor projetos e debater	2
	Ter conhecimento/ raiz do problema	4
	Tratar	5
Necessidades especiais		2
Processo de ensino-aprendizagem		2
Professor desmotivado/ frustrado		1
Professor faz	Atenção a cada aluno	1
	Avaliações pedagógicas e melhoria de metas	1
	Prática pedagógica	2
Professor não faz	Tratar	8
	não tem conhecimento específico da psicologia	6

Com a finalidade de uma maior visibilidade das informações sobre quais aspectos os professores destinaram maior atenção e desprenderam mais esforços para significar durante a pesquisa, indicamos no quadro 2 as unidades temáticas/de significação mais frequentes. Concentramos nossas discussões sobre essas unidades mais frequentes.

QUADRO 2: Unidades temáticas/significação mais frequentes (professores)

UNIDADES TEMÁTICAS/SIGNIGICAÇÃO	Frequência
Demandas do psicólogo escolar	26
Professor faz/ não faz	18

Observamos, então, que o tema mais recorrido pelos professores nas suas narrativas refere-se às atividades que um psicólogo realizaria, se estivesse dentro das

escolas públicas. Na nossa apreciação dos desfechos dos educadores, interpretamos por um lado, a presença de muitas expectativas sobre a superação de uma falta que acarreta danos ao cumprimento dos propósitos de uma educação de qualidade; por outro lado, acusamos a prevalência, ainda, de concepções consideradas tradicionais e inadequadas acerca da Psicologia Escolar.

Especificamente, quando os professores se referiram às *demandas do psicólogo escolar* observamos que o verbo "tratar" aparece repetida vezes nas narrativas, indicando uma visão ainda reducionista sobre as possibilidades do serviço de Psicologia nas escolas. Patto (1988), Souza (1996) e Wechsler (2001) acusam em seus textos o reducionismo que envolve a superestimação do modelo clínico nos cenários educacionais. Todavia, essa visão ainda prevalece entre os professores quando compartilham opiniões e expectativas sobre o serviço de Psicologia nas escolas. Confirmamos essa prevalência nos nossos registros, quando associamos os indicativos nas narrativas: 'atender questões psicológicas na escola', 'fazer clínica na escola', 'trabalhar com conflitos e transtornos' e 'identificar necessidades especiais', 'fazer psicoterapia', 'diagnosticar' e 'cuidar da saúde mental' (ver quadro 1 e anexo 2).

Ainda relacionado com a unidade temática *demandas do psicólogo escolar*, destacamos que os professores mencionaram com muita frequência, que aqueles profissionais são habilitados para identificar a raiz do problema/ter conhecimento. Nas suas narrativas, os professores comentaram que era atribuição do psicólogo o conhecimento aprofundado sobre problemas que os alunos trazem para dentro da escola. Esses comentários sugerem-nos a interpretação de que o serviço de Psicologia se volta para "desvendar" causas de problemas comportamentais e emocionais apresentados pelos alunos, que provocam mal-estar entre eles e os professores, e ente os seus pares.

Essas situações são claramente caracterizadas 'queixas escolares' e são tópicos de discussões predominantes na literatura (SOUZA, 1996). Chamamos a atenção, entretanto, que é subjacente a esse predomínio, a tradicionalidade nas concepções dos educadores sobre o serviço de Psicologia nas escolas. Nessas concepções sustentam-se que os psicólogos nas escolas, destinam-se à promoção do ajustamento dos estudantes às normas das escolas.

Há, contudo, saturação e ineficiência nessas atribuições para o serviço de Psicologia nas escolas e, acompanhamos uma renovação nas discussões sobre as

possibilidades de atuação dos Psicólogos em cenários educacionais contemporâneos. Nos registros dos professores analisados na nossa pesquisa, encontramos sinais de que essa renovação, ainda que com passos curtos, já despontam nos cenários educacionais. Ancoramos essa nossa interpretação, na referência dos professores para a interação com a equipe pedagógica, como uma atribuição do psicólogo escolar. Esse posicionamento, relevante para os propósitos da presente dissertação, sinaliza o efeito de esforços de profissionais que trabalham com a perspectiva crítica da Psicologia Escolar.

No que se refere aos sinais que registramos na nossa análise, os professores destacaram a importância de se ter presente no chão da escola, um profissional de Psicologia Escolar para debater questões relativas às políticas públicas educacionais, direitos educacionais e gestão pedagógica democrática da comunidade escolar (GUZZO; RIBEIRO, 2019). Na perspectiva crítica da Psicologia Escolar, o tópico das queixas é reconfigurado, para se levantar outras premissas na caracterização do problema. Nessa reconfiguração, 'queixas' e 'fracasso', são tratados dentro da multidimensionalidade que pressupõe o não privilégio de hierarquias e engessamento de normas institucionais. Tomando-se outra direção, considera-se na perspectiva crítica da Psicologia Escolar, uma interação de fatores implicados no processo ensino-aprendizagem e na dialética das relações interpessoais necessárias ao progressivo desenvolvimento humano dentro das escolas (GUZZO et al, 2010; MARINHO-ARAÚJO, 2003).

Defendemos que a atenção para o nível de desenvolvimento humano, como investimentos das práticas educacionais é um tópico de discussão necessário e relevante no campo da Psicologia Escolar Crítica. Encontramos respaldo para a necessidade dessa discussão nos relatos dos professores participantes de nossa pesquisa. Esta necessidade está relacionada com suas denúncias, mencionadas quando os participantes discriminaram *o que o professor e o que não faz,* que apontamos aqui como a unidade temática/de significação com a segunda maior frequência de ocorrência.

A partir da denominação dessa unidade temática, capturamos o sentido de denúncias dos professores, de que assumem responsabilidades na escola para as quais não foram preparados na formação pedagógica e que não têm suporte necessário, que poderia ser providenciado nos cursos de formação continuada. Dentro das discussões no campo da educação, essas situações são tratadas como desvio de função.

Nos seus depoimentos, os professores descreram o fazem, destacando a sobrecarga de trabalho diretamente relacionada com o processo de ensino-desenvolvimento-aprendizagem. Eles comentaram que, além das aulas, projetos interclasses, atividades extras, planejamento de aula, eles acumulam funções Docente Orientador de Turma – DOT. Sobre esta função, Vieira *et al.* (2021) declarou tratar-se de articulações dentro das políticas educacionais, voltadas para o não reconhecimento da necessidade da inserção do profissional de Psicologia Escolar no quadro funcional das escolas públicas.

A configuração do sentido de denúncia que temos mencionado aqui se confirma quando observamos que, nos seus relatos, os professores contrastaram o que fazem e o que não fazem (segunda unidade temática mais frequente, ver quadro 2). Nesse contraste, eles chamam a atenção para a falta de preparo para muitas responsabilidades que precisam assumir. Mahoney (2000) e Leite e Tassoni (2002) destacam que professores não são habilitados para lidarem com processos sócios-afetivos-emocionais, que são atribuições de um psicólogo (MAHONEY, 2000); (LEITE; TASSONI, 2002). No texto "Professores, Fracasso e Sucesso Escolar: Um Estudo no Contexto Educacional Brasileiro" Damasceno; Negreiros (2019) relacionam o fracasso escolar com a descentralização do professor de suas atribuições.

Ainda dentro do contraste entre o que os professores fazem e o que não fazem, eles destacaram que não têm conhecimento específico da Psicologia (quadro 1). Nos seus relatos eles desfilaram muitos exemplos de situações que precisaram resolver e das implicações da ausência do profissional de Psicologia Escolar. Mencionaram com muita frequência, por exemplo, desavenças no cenário escolar entre pares, entre a escola e família, entre a família e o aluno (ver anexo 2). Denunciam a ausência de suporte, que poderiam chegar a partir da formação continuada, aspectos já alertados por outros autores (ALMEIDA, *et al*., 2007; SILVA, 2003; PERRENOUD, 2000).

4.2- Das narrativas dos psicólogos

No que se refere aos resultados da análise das narrativas dos psicólogos que atuam na SEDUC-PE, participantes da nossa pesquisa, o conjunto das unidades temáticas/de significação foi apresentado no quadro 3.

QUADRO 3: Frequência geral de unidades temáticas/significação (psicólogos)

UNIDADE TEMÁTICAS/ DE SIGNIFICAÇÃO		Frequência
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC	Elaborar e promover políticas públicas educacionais	1
	Prevenção e intervenção na saúde mental (violência na escola, atenção ao suicídio)	7
	Ações transversais com as gerências	1
	Analista educacional	1
	Monitorar ações	1
	Atenção à normatização	11
	Formação para educadores	2
	Atenção à família	1
	Conhecimento (aporte teórico; especialização)	3
	Lidar com limites (financeiro; infraestrutura)	3
	Eventual ida à escola para atendimento especializado (foco na análise da queixa; sintoma; subjetividade; cognição)	2
	Missão institucional (problemas de saúde pública e segurança pública na escola; recorrer aos pares, macropolítica)	4
Educação especial		1
Bullying		1
Psicólogo na Educação		1
Psicopedagogia		1
Especialização no campo da Pedagogia		1
Equipe multidisciplinar		1
Psicoterapia: área de saúde e não da educação		1
Não existe psicólogo escolar em Pernambuco		1
Hierarquia/trâmite para resolução de problemas (autonomia da escola)		2
Carência de especificações no texto da lei 13.935/2019: aspectos políticos, financeiro e administrativos		4
Implementação nos Estados e Municípios		1

Também com relação as narrativas dos psicólogos, concentramos a discussão nas duas unidades temáticas/de significação mais frequentes (quadro 4), no qual observamos terem sido *as demandas do psicólogo lotado na* SEDUC/PE e a carência de especificações no texto da lei 13.935/2019 (esta última com uma frequência muito menor).

Considerando o nosso propósito e o material que utilizamos na nossa metodologia, já esperávamos que esses profissionais se remetessem às atribuições do Psicólogo que atua lotado na SEDUC-PE. Nesse sentido, as características do serviço de

Psicologia voltado para cenários educacionais se distinguiram daquelas apresentadas pelos professores.

QUADRO 4: Unidades temáticas/de significação mais frequentes (psicólogos)

UNIDADES TEMÁTICAS/ DE SIGNIFICAÇÃO	Frequência
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC	26
Carência de especificações no texto da lei 13.935/2019	4

De acordo com o quadro 3, quando os psicólogos lotados na SEDUC-PE descreveram as suas demandas, destacaram *a atenção à normatização*. Interpretamos essa informação a orientação política do exercício de psicologia dirigido aos processos educacionais. Essa orientação é divulgada pelas gerências de ensino (GRE's), para cumprimento de diretrizes do Ministério da Educação (MEC), do Ministério Público de Pernambuco (MPPE), dos Conselhos Federais e Regionais de Psicologia (CFP- CRP/PE) e das Unidades de Ensino de Pernambuco (Escolas Estaduais e Municipais).

Ao descreverem a sua atuação, os psicólogos da SEDUC-PE relataram sobre o funcionamento de redes, projetos, planejamentos e o enfoque intersetorial e interdisciplinar com as escolas. Outras atribuições, consideradas como demandas do Psicólogo lotado na SEDUC-PE, indicadas no quadro 3 (elaborar e promover políticas públicas educacionais, formação para educadores, atenção à família, aporte teórico, especialização, lidar com limites financeiro e de infraestrutura, recorrer ao pares, atender problemas de segurança e saúde pública e considerar a macropolítica) indicam a missão institucional, como grande atribuição do profissional de psicologia voltado para os processos educacionais, contratado por concurso público como *analista educacional* (como descrevemos em secções anteriores desta dissertação).

Inquietou-nos, entretanto, que problemas como suicídio e violências nas escolas ainda sejam discutidos com exclusividade no campo da saúde mental (quadro 3). Considerando-se todo o direcionamento para uma missão institucional, acusamos a inabilidade das orientações normativas (seja do MEC, MPPE ou do CRP/PE) para despertar outros enfoques para essas questões, como por exemplo, para situá-las no campo das discussões sobre índice de desenvolvimento humano e chamar a atenção para os processos comunicativos, como investimento no cuidado com as relações interpessoais

nos cenários educacionais. O enquadramento ainda apenas no campo da saúde mental, embora seja uma perspectiva, não é a única. Esse enquadramento, na verdade, reflete um congelamento conceptual no campo da produção de conhecimentos, que muitas vezes resiste a inovação de métodos, necessária sobretudo, no campo das ciências humanas.

Com relação a segunda unidade temática/de significação mais frequente, destacamos que, diferente dos professores, os psicólogos da SEDUC/PE mostraram-se descrentes e críticos quanto aos encaminhamentos para a implementação da Lei 13.935/2019, alegando uma cultura brasileira que cria leis para não serem cumpridas. Nos seus relatos, os psicólogos demonstraram insatisfação com a ausência de discussões necessárias para a implementação da Lei. Os psicólogos mencionaram que não foram especificadas as diretrizes para esse campo de atuação do psicólogo, se será necessária uma especialização em Psicologia Escolar, considerando-se que a formação de psicólogos é generalista. Essa é uma razão, que eles apontaram, para a falta de qualificação adequada para o trabalho dentro das escolas.

Outro aspecto que os psicólogos destacaram em seus relatos, relacionado com a segunda unidade temática/significação mais frequente, foi o direcionamento das verbas do Governo do Estado de Pernambuco para a implementação desta Lei e o financiamento desses profissionais, quando selecionados por concursos públicos. Um dos psicólogos participantes explicou que existem no estado de Pernambuco mais de 1300 escolas e o governo estadual não terá recursos para colocar psicólogos em cada escola. Sem contar que essa lei também prevê o financiamento e a atuação dos profissionais de serviço social. Serão, então, cerca de 14 mil profissionais para assegurar a formação da equipe multiprofissional instituída pela referida Lei – aproximadamente 12 mil na rede municipal e (hum) mil na rede estadual de Pernambuco.

Apesar das dificuldades alegadas para a implementação da Lei, que assegura a contratação de psicólogos para atuarem dentro das escolas, observamos também nos relatos o movimento para uma atuação em equipe, dentro e fora da escola. Apontaram uma perspectiva de atuação participativa em rede, para fortalecer o reconhecimento de que por ser um profissional que trabalha nas escolas, o psicólogo é também um educador envolvido com as questões cotidianas da comunidade escolar, que inclui discussões pedagógicas com a equipe multiprofissional.

Dessa forma, os relatos mostraram-se alinhados com discussões atualizadas da perspectiva crítica da Psicologia Escolar, que prevê entre as ações desse serviço, a elaboração do projeto político pedagógico, planos de conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem e a promoção relações interpessoais colaborativas nos cenários educacionais (CAVALCANTE; BRAZ-AQUINO, 2019; DUTRA-FREITAS; MARINHO-ARAUJO, 2018; GUZZO, 2005/2011; LOPES ; SILVA, 2018; MARINHO-ARAUJO; ALMEIDA, 2003; MARINHO-ARAUJO & RABELO, 2015; MENDES; MARINHO-ARAUJO, 2016; PETRONI; PISOLATTI, 2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua maioria, as escolas do estado de Pernambuco não contam com Psicólogo em suas instalações. Como alternativa à ausência desse serviço, o Estado disponibiliza analistas educacionais, lotados na SEDUC-PE. Em situações muito reduzidas, devido à grande demanda das escolas, alguns psicólogos são alocados dentro das escolas. Todavia, esses profissionais não apresentam um perfil adequado para lidar com processos educacionais.

Por outro lado, escolas da rede pública de ensino em Recife, dispõe de salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que atendem jovens com especificidades diferenciadas de natureza física, sensorial ou intelectual, que apresentam transtornos globais de desenvolvimento. Todavia, os profissionais que referenciam esse atendimento são licenciados ou com pós-graduação no campo da Psicopedagogia da Educação Inclusiva. Está fora do plano de servidores do Estado, o investimento na formação e posterior contratação de profissionais de Psicologia Escolar para atuarem nesses serviços especializados.

Além das salas AEE, o Estado de Pernambuco lançou no ano de 2007, a gerência de políticas em educação inclusiva, direitos humanos e cidadania, que se trata de um projeto político pedagógico para promover ações voltadas aos jovens com algum tipo de deficiência numa perspectiva inclusiva de educação. Nesse novo modelo de intervenção multiprofissional, o psicólogo trabalha numa perspectiva interdisciplinar com outras áreas do conhecimento com atuação em Unidade Interdisciplinar de Apoio Psicopedagógico.

Embora se revele inicialmente como ampliação de espaços de atuação da Psicologia, na verdade os serviços prestados nessas unidades seguem na contracorrente das discussões tecidas aqui, com as quais tentamos caracterizar uma perspectiva crítica dos serviços de Psicologia Escolar, que precisa ser exercida dentro das escolas e não à distância. Se lotado na Unidade Interdisciplinar de Apoio Psicopedagógico, o psicólogo escolar encontra-se ainda num espaço do setor privado.

O reconhecimento da necessidade de que profissional de Psicologia integre o quadro de profissionais da Educação e seja lotado nas instalações das escolas ainda não foi assumido pelo Estado de Pernambuco e muito se deve à dificuldade das escolas para diferenciar a ciência e profissão da Psicologia Escolar do campo da Psicopedagogia. Isto quer dizer que, enquanto perdurar entre educadores (professores e gestores) o pensamento de que o serviço de Psicologia Escolar se volta para o atendimento de saúde mental dentro das escolas, mais distante estará o reconhecimento da essencialidade desse serviço.

Além disso, a dificuldade para essa diferenciação acarreta a sobrecarga no exercício de docência, por desvio de funções que são passadas para o professor, precarizando o serviço educacional. Exemplos desse desvio foram exaustivamente mencionados pelos professores que participaram da nossa pesquisa e reforçam a interpretação que sustentamos nesta dissertação sobre os danos causados quando as necessidades das escolas não são atendidas, em função da ausência do serviço de Psicologia Escolar.

Defendemos que, para esse reconhecimento faz-se necessária uma ampla divulgação de perspectiva crítica da Psicologia Escolar, com formação continuada também para atualização de profissionais de Psicologia. É preciso que as escolas, os órgãos de gerência da educação e os profissionais da Psicologia com formação generalista reconheçam que a Psicologia Escolar é fundamental para o projeto amplo da humanização das sociedades contemporâneas.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.F.C. DE (Org.)**. Psicologia escolar: Ética e competências na formação e atuação profissional.** Campinas: Alínea, 2003.

ALMEIDA, et al . O professor de ensino médio e a psicologia em seu cotidiano escolar. **Psicol. esc. educ.**, Campinas , v. 11, n. 1, p. 123-132, jun. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100012&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 20 ago. 2023.

ANDRADE, M, C. *Ulysses Pernambucano*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 5 out, 2022.

ANTUNES, M. A. M. **A psicologia no brasil: uma leitura histórica sobre sua constituição** (2a. ed.). São Paulo: Educ /Unimarco. 2001.

ANTUNES, M. A. M . **Psicologia e educação no Brasil: um olhar histórico-crítico**. In M. E. M. Meira, & M. A. M. Antunes, (Orgs.), Psicologia escolar: teorias .São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003, p. 139-168.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.** v. 12, n. 2, p. 469-475, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/kgkH3QxCXKNNvxpbgPwL8Sj/?format=pdf&lang=pt. Acessado em 08 jun. 2022.

AQUINO, F. S. B. et al. **Concepções e práticas de psicólogos escolares junto a docentes de escolas públicas. Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2015 v. 19, n. 1 [Acessado 28 Agosto 2022] , pp. 71-78. Disponível em: ISSN 2175-3539. https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0191799.

BAKHTIN, M; VOLOCHNOV **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988

BARBOSA, D. R**. Estudos para uma história da Psicologia Educacional e Escolar no Brasil.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011, p. 674.

BARBOSA, D.R.; SOUZA, M.P.R. Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.** v. 15, n. 1, p. 163-173, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/jQhnhsj8gZLFSXRPMTCh7mc/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 08 jun. 2022.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETTO, A. P. Ulisses Pernambucano, educador. **Psicologia Ciência e Profissão.** Brasília, v. 12, n.1, p. 14-17, 1992. Disponível: em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498931992000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 08 jun. 2022.

BATISTA, J. B. V. **Síndrome de Burnout em professores do ensino fundamental: um problema de saúde pública não percebido**/ Jaqueline Brito Vidal Batista. — Recife. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRANCO, A. M. C. U. A.; ROCHA, R. F**. A questão da metodologia na investigação científica do desenvolvimento humano. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília v. 14, n. 3, p. 251-258, 1998.

BRASIL. **Lei n°13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e serviço social nas redes públicas de educação básica**. Brasília: Senado Federal, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa.** Brasília: MECSEF, 1998. BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Matemática. Brasília: MECSEF, 1998.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

CARVALHO, D. C. (2002). A psicologia frente a educação e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, 7(1), 51-60. doi:10.1590/S1413-73722002000100008

CARVALHO, L. de S.; DE ARAÚJO, L. F.; NEGREIROS, F. Representações Sociais sobre a atuação do psicólogo escolar e educacional. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, *[S. l.]*, v. 12, n. 3, p. 75–90, 2021. DOI: 10.5433/2236-6407.2021v12n3p75. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/40286. Acesso em: 5 out. 2023.

CAVALCANTE, L. A**. Formação continuada em Psicologia Escolar: (Re) configurando sentidos da prática profissional**. Tese (doutorado) – doutorado em processo do desenvolvimento humano e saúde- Universidade de Brasília, 2019. 254 p.

CAVALCANTE, L. A.; MARINHO-ARAÚJO, C. L. **A Dimensão Ética e Política da Pesquisa em Psicologia Escolar.** Revista de Psicologia da IMED, v. 11, n. 1. 2019.

CAVALCANTE, L. A; BRAZ AQUINO. Práticas Favorecedoras ao Contexto Escolar: Discutindo Formação e Atuação de Psicólogos Escolares. **Psico-USF**, 24 (1), 119-130. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (BRASIL**). Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica** 2. ed. Brasília: CFP, 67 p. 2019.

CUNHA, B. B. B.; BETINI, G.. Psicologia e educação no contexto das secretarias municipais: algumas contribuições para novas práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 3, p. 42–49, set. 2003.

DAMASCENO, M. A.; NEGREIROS, F. Professores, Fracasso e Sucesso Escolar: Um Estudo no Contexto Educacional Brasileiro. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 10, n. 1, p. 73-89, ago. 2018. ISSN 2175-5027. Disponível em: https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/2572. Acesso em: 05 out. 2023. doi:https://doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i1.2572.

DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia, educação e LDB: novos desafios para velhas questões**. In R. S. L. Guzzo (Org.), *Psicologia escolar*: *LDB e educação hoje* (p.11-34). Campinas: Alínea

DEL PRETTE, Z. A. P. (2001). **Psicologia escolar e educacional, saúde e qualidade de vida: Explorando fronteiras.** Campinas: Alínea.

DUTRA-FREITAS, R. A; MARINHO-ARAUJO, C. M. Inovações metodológicas em Psicologia Escolar: Pesquisa-intervenção e formação continuada. In: V. L. T. Souza, F. S. Braz Aquino, R. S. L. Guzzo & C. M. Marinho-Araujo (Eds.), **Psicologia Escolar Crítica: Atuações emancipatórias nas escolas públicas** (pp. 35-64). Campinas, SP: Alínea. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (BRASIL**). Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica / Conselho Federal de Psicologia**. 2. ed. Brasília: CFP, 67 p. 2019.

DE OLIVEIRA, K.T.A. Entre a escola e o hospício: a Escola Especial Ulisses Pernambucano (1950-1955). In: **XXVIII Simpósio Nacional de História.** Anais eletrônicos: Florianópolis, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427822621_ARQUIVO_ANPUH.pdf. Acesso em 08 de junho de 2022.

DEL PRETTE, Z.A.P. Resenha: Psicologia Escolar: Ética e Competências na Formação e Atuação Profissional. **Psic.: Teor. e Pesq**., Brasília, Set-Dez 2003, Vol. 19 n. 3, p.294-294.

DIAS, C. G; PATIAS, F. D; ABAID, L. W. Psicologia escolar e possibilidades na atuação do psicólogo; algumas reflexões. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 18, Número 1, Janeiro/Abril de 2014: 105-111

GALDINI, V; AGUIAR, W. M. J. Intervenção junto a professores da rede publica: potencializando a produção de novos sentidos. Em M. E. M. Meira & M. A. M. Antunes (Orgs.), *Psicologia Escolar: Práticas críticas* (pp. 87-103). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

GUZZO, R. S. L. Desafios cotidianos em contextos educativos: A difícil formação de psicólogos para a realidade brasileira. In: R. G. Azzi, M. H. T. A. Gianfaldoni (Eds.), **Psicologia e Educação** (pp. 253-270). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2011.

GUZZO, R. S. L. A escola amordaçada e o compromisso do psicólogo com este contexto. In: A. M. Martínez (Ed.), **Psicologia Escolar e compromisso social: Novos discursos, novas práticas** (pp. 13-27). Campinas, SP: Alínea, 2005.

GUZZO, R. S. L., MEZZALIRA, A. S. C., & MOREIRA, A. P. G.. **Psicólogo na rede pública de Educação: embates dentro e fora da própria profissão**. *Psicologia Escolar*

e Educacional, 16(2), 329-338. doi: https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000200016 . 2012

GUZZO, R, S ,L et al. Psicologia e Educação no Brasil: Uma Visão da História e Possibilidades nessa Relação. **Psic.: Teor. e Pesq., Brasília**, 2010, Vol. 26 n. especial, pp. 131-141

LEI Nº 7.846, DE 04 DE AGOSTO DE 1995. Obriga a presença de técnicos em educação nas escolas municipais. Recuperado de: http://www.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wpcontent/uploads/2017/06/1995_448.pdf

LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições do ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. **Psicologia e formação docente:** desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 113-141.

LOPES, J. A. S., & SILVA, S. M. C. O psicólogo e as demandas escolares: Considerações sobre a formação continuada. Psicologia Escolar e Educacional, 22 (2), 249-257. 2018.

MAHONEY, A. A. (Org.). Henri Wallon: Psicologia e Educação (6Ş edição). São Paulo: Loyola. 2010.

MALUF, M. R. (2003). Psicologia escolar: Reafirmando uma nova formação e atuação profissional. In O. H. Yamamoto, & V. V. Gouveia (Orgs.), Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo

MARINHO-ARAÚJO, C. M.(2003). Psicologia escolar e o desenvolvimento de competências: uma opção para a capacitação continuada (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Nacional de Brasília, Brasília

MARINHO-ARAUJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C. **Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional.** Campinas: Alínea. 2005.

MARINHO-ARAUJO, C. M. **Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção**. Em Aberto, 83(23), 15-35. 2010

MARINHO-ARAUJO, C. M. Intervenção institucional: ampliação critica e política da atuação da atuação em Psicologia Escolar. In R. S. L. Guzzo (Org.), Psicologia Escolar: desafios e bastidores na educação pública (pp.153 -175). Campinas: Alínea.

MARINHO-ARAUJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C. Psicologia Escolar institucional: Desenvolvendo competências para uma atuação relacional. In: S. F. C. Almeida (Ed.), Psicologia Escolar: Ética e competências na formação e atuação profissional (pp. 59-82). Campinas, SP: Alínea. 2003

MARINHO-ARAUJO, C. M. ; RABELO, M. . Avaliação educacional: A abordagem por competências. Avaliação, 20 (2), 443-466. 2015.

MARINHO-ARAUJO, C. M.. Perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: Fundamentos para a atuação em Psicologia Escolar. In: M. V. Dazzani & V. L. T. de Souza, Psicologia Escolar crítica: Teoria e prática nos contextos educacionais (pp. 37-55). Campinas, SP: Alínea. 2016

MARTÍNEZ, A. M. Psicologia escolar e educacional: compromissos com a educação brasileira. Psicologia Escolar e Educacional, 13(1), 169-177. doi:10.1590/S1413-85572009000100020. 2009.

MASSIMI, M. **História da Psicologia brasileira: da época colonial até 1934.** São Paulo: EPU, 1990.

MASSIMI, M.. **"Psicologia na visão de Psicólogos e Psiquiatras brasileiros das primeiras décadas do século XX".** In: Paideia, n.6, p. 84-99, 1994.

MEIRA, M. E. M. **Construindo uma concepção crítica de psicologia escolar: contribuições da pedagogia histórico-crítica e da psicologia sócio-histórica**. In M. E. M. Meira, & M. A. Antunes (Orgs.), Psicologia escolar: teorias críticas (14-77). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. 2003.

MEIRA, M. E. M. Para uma crítica da medicalização na educação. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 135-142

MENDES, A. C. M; MARINHO-ARAUJO, C. M. Desenvolvimento humano adulto e mediação estética: Contribuições para a formação profissional. In: M. C. S. L. Oliveira, J. F. Chagas Ferreira, G. S. M. Mieto & R. Beralto (Eds.), **Psicologia dos processos de desenvolvimento humano: Cultura e educação** (pp. 67-88). Campinas, SP: Alínea. 2016

MENDES, M, L, M. A. **Tradução do fracasso escolar: Burnout em professores do Recife**. Maria Luiza Maciel Mendes. Recife. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2015.

MOURA, J. da S.; RIBEIRO, J. C. de O. A.; CASTRO NETA, A. A. de; NUNES, C. P. **A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal**. Revista Profissão Docente, [S. l.], v. 19, n. 40, p. 01–17, 2019. DOI: 10.31496/rpd. v19i40.1242. Disponível em: https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1242. Acesso em: 28 ago. 2022.

MOUTINHO, K.; CONTI, L. **Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade**. Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]. 2016, v. 32, n. 2 [Acessado 4 Setembro 2022] , e322213. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-3772e322213>. Epub 27 Out 2016. ISSN 1806-3446. https://doi.org/10.1590/0102-3772e322213.

MOREIRA, M. I. C. (2008). **Pesquisa-intervenção: Especificidades e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa**. In: L. R. Castro & V. L. Besset (Eds.), Pesquisa intervenção na infância e na juventude (pp. 409-432). Rio de Janeiro, RJ: Nau Editora.

NEGREIROS, F.; SANTOS, I. L.; OLIVEIRA, M. de A.; LINHARES, T. de S. O **psicólogo escolar diante da medicalização: estudo com universitários brasileiros**. Revista *Nufen: Phenomenology and interdisciplinarity*, [S. l.], v. 14, n. 2, 2022. DOI: 10.26823/nufen.v14i2.20930. Disponível em: https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/20930. Acesso em: 28 ago. 2022.

NOVAES, M. H. **Visão transdisciplinar na formação do psicólogo**. Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática/ Solange Muglia Wechsler (organizadora); colaboradores: Ângela Maria Vieira [et al]. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

OLIVEIRA, K. T.A. **Entre a Escola e o Hospício: A Escola Especial Ulisses Pernambucano** (1950-1955). Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427822621_ARQUIVO_ANPUH.pdf. Acesso em: 05 jun. 2022

OLIVEIRA, C. B. E; MARINHO-ARAUJO, C. M. **Psicologia escolar: cenários atuais.** Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v9n3/artigos/pdf/v9n3a07.pdf. Acesso em: 27 dez. 2022

PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia: reflexões sobre a psicologia escolar**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Gradução em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1981.

PATTO, M. H. S. O **fracasso escolar como objeto de estudo**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: n. 65, p. 72-77, mai. 1988

_____. **Para uma crítica da razão psicométrica**. Psicologia USP, 8(1), 47-62.1997. doi: 10.1590/S0103-65641997000100004. » https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000100004

_____. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Artmed, 2000.

PETRONI, A. P. & PISOLATTI, L. As imagens como materialidade artística no trabalho do psicólogo em práticas educativas: Possibilidades de ampliação da consciência. In: V. L. T. Souza, A. P. Petroni ; P. C. Andrada (Eds.), **A psicologia da arte e a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem: Intervenções em contextos educativos diversos** (pp. 81-97). São Paulo, SP: Edições Loyola. 2016

RONDEL, L. D. S. Las perspectivas nomotética e ideográfica em el trato a larealidadestudiada por lacienciassociales. **Orientación y Consulta**, v. 9, n. 1, 2002/2003, p. 1-11.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPEORTES DE PERNAMBUCO. Disponível em em: http://www.upenet.com.br/concluido/2008/professor_II_estado_pe_08/PE_professor_II_08.html. Acesso em: 04 set. 2022.

SILVA, G. N. DA .; CARLOTTO, M. S.. Síndrome de BURNOUT: Um estudo com professores da rede pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 7, n. 2, p. 145–153, dez. 2003.

SOARES, L. Q.; FERREIRA M. C. Pesquisa participante como opção metodológica para a investigação de práticas de assédio moral no trabalho. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 6, n. 2, p. 85-109, 2006.

SOUZA, M. P. R. Queixa escolar e o predominio de uma visão de mundo. In: **Psicologia escolar : em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo (1997).

SOUZA, M. P. R. **A queixa escolar e a formação do psicólogo.** 1996. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. doi:10.11606/T.47.2017.tde-12052017-150732.

SOUZA, M. P. R. Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. **Psicol. esc. educ.**, Campinas , v. 13, n. 1, p. 179-182, jun. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100021&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 out. 2023.VALSINER, J. **Fundamentos de psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida.** Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 301.

VIEIRA, N. M. (2020). Narratividade: Uma abordagem para prática e pesquisa em psicologia escolar crítica. In C. M. Marinho-Araujo & I. M. Sant'Ana (Org.), **Práticas exitosas em psicologia escolar crítica** (Vol. 2, pp. 55-72). Campinas: Alínea.

VIEGAS, L.S. O atendimento à queixa escolar na educação baiana. **Revista Entreideias.** Salvador, v. 5, n. 1, p. 57-72, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/14464/11023. Acessado em 08 de junho de 2022.

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. N. (1934/2014). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, SP: Ícone.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. 2004

WECHSLER, S. M. (Org.). Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática. Campinas: Alínea, 2001.

ANEXO 1. QUADROS DE LEVANTAMENTOS UNIDADES TEMÁTICAS/DE SIGNIFICAÇÃO - PROFESSORES A E B

PROFESSOR (A) A

UNIDADE TEMÁTICA/SIGNIFICAÇÃO	ENUNCIADO 1- *Professores da rede pública de uma cidade do interior de Pernambuco, aguardam pelos novos profissionais concursados, inclusive psicólogos, que serão integrantes da equipe pedagógica de suas escolas. Entre os professores, as expectativas sobre a entrada dos psicólogos nas escolas ... (continue a história...)*
DEMANDA DO PSICÓLOGO ESCOLAR: Clínica na escola	São bastante altas, uma vez que em virtude da COVID-19 os problemas psicoterapêuticos dos educandos ficaram potencializados. Indo desde a adequação com o ambiente escolar até a forma de lidar com as emoções. Restando aos professores e gestão observar a necessidade de cuidados dos educandos, de forma efetiva, por meio de profissionais treinados para essa função, no caso, psicólogos. Afinal entregar a missão de cuidar da mente dos alunos aos professores é tarefa bastante complexa
	(DEPOIS DO RETORNO)
Necessidades especiais	É tão complexa porque existem, no chão da escola, uma série de demandas sobre as quais os professores não são instruídos. Logo, eles não dão conta. São situações ligadas as síndromes, a necessidades especiais, a necessidades mentais que precisam ter a visão da seriedade que a situação precisa, que a situação requer,
Professor não faz: tratar	sendo tratado por um profissional específico, e não pelos professores, porque deixar esta missão a cargo dos professores é desumano. Não há condições de um... de pedir pra um professor tratar alguém que ele não tem formação para isso. Ele sabe incluir, ele sabe fazer atividades que promovam essa inclusão, mas ele não sabe tratar (.) porque ele não foi instruído para tratar.
demandas do psicólogo escolar: tratar	Então, é necessário que... tenha um psicólogo escolar para essas demandas específicas do psicólogo, né?!E como seria a atuação do psicólogo escolar?
	Trabalhando com professores e com alunos (.) acho que (.) seguiria, no meu ponto de vista, a mesma... indicação que é, observando as necessidades... específicas (.), mediando também atividades em grupo, observando quais são aquelas demandas que tem em cada grupo da nossa escola para, então, tratar, né?! Quando se identificar que um aluno está com uma necessidade de desenvolvimento psicopedagógico ou psicológico, inclusive, dentro da seara da psicologia escolar, que ele... tratasse esse aluno, que ele... desenvolvesse atividades com o objetivo de tratar esse professor porque, assim como os alunos, os professores também possuem as suas demandas específicas ligadas à psique, né?! E que nem eles próprios sabem lidar e por isso precisam de um profissional específico. O psicólogo escolar, então, atuaria com o trabalho específico e com o trabalho coletivo. Dentro dos dois grupos, tanto de professores quanto de alunos, observando quais são as demandas específicas, né?! E aí ele trataria individualmente, mas também trataria coletivamente os problemas que iam surgindo na escola, à medida que ele fosse investigando. Acredito que seria um trabalho, inicialmente, investigativo; e depois, um trabalho de tratamento mesmo, pra que o ambiente escolar se tornasse um ambiente saudável. Eu não tô dizendo que o psicólogo escolar é o salvador da pátria, mas acho que ele consegue atuar de forma... a... gerar um ambiente escolar mais saudável, né?! Onde as pessoas conseguem enxergar os problemas que existem ali, e elas conseguem tratar aquele problema, sabe?! Acho que... a demanda da necessidade do psicólogo escolar, em todas as escolas, no meu ponto de vista, pra tratar professores, alunos e também funcionários, era pra gente tornar o ambiente escolar mais saudável, pra que a gente atenda demandas específicas.

UNIDADE TEMÁTICA	ENUNCIADO 2- *Em uma escola estadual localizada em uma área de difícil acesso*

	na região metropolitana de Recife, há uma alta incidência de violência e muitos casos de adolescentes com dificuldades de aprendizagem. Considerando-se que ainda não há o serviço de Psicologia nessa escola, alguns professores ... (Continue a história...)
Professor não faz: tratar	Assumem a responsabilidade de cuidados com os alunos que geram dificuldade no ambiente escolar. Entendendo que o aspecto social afeta diretamente o processo de ensino aprendizagem sendo necessário a existência de um psicólogo escolar para cuidar dos educandos com conhecimento de causa.
	(DEPOIS DO RETORNO)
Demanda do psicólogo: ter conhecimento	Conhecimento de causa seria instrução técnica que o psicólogo possui... para... atuar nas situações de... violência e dificuldade de aprendizagem, né?! Quando a gen... quando eu falo de conhecimento de causa, eu estou falando da instrução técnica, da pessoa que passou quatro cinco anos estudando psicologia e que, por isso, está apto para desenvolver cuidados adequados dentro da... do ambiente escolar, mudando esta realidade. Infelizmente pela ausência dele, do profissional da psicologia dentro da escola.
Processo de ensino-aprendizagem	O professor acaba assumindo a responsabilidade desses cuidados... porque é preciso se entender que quando o social está afetado, o processo de ensino-aprendizagem também está afetado, e como diz Rubens Alves: "É preciso ter afetividade no processo de ensino-aprendizagem, porque se não houver afetividade, não há processo de ensino aprendizagem". Então, o professor atua numa ideia de... afetividade para correção... dos problemas de violência, incidindo diretamente nas relações de ensino-aprendizagem, mas é necessário ter um profissional que se formou para... essa área, um psicólogo escolar, porque aí ele teria conhecimento de causa, ele que estudou para isso, ele estudou para saber lidar com distúrbios, com distúrbios... de violência e que... acabam incidindo nesse processo de ensino-aprendizagem.
Demanda do psicólogo escolar: ter conhecimento	Isso não sou eu só que falo, né?! Quanto mais violenta é uma comunidade, menor são os números, é o que nos mostram os índices do IDEB e do IDEP. Quanto mais saudável é, quanto mais... tratada é... para não violência, mais... melhor são os índices de ensino-aprendizagem daquele ambiente escolar. Então é preciso ter um profissional da psicologia com conhecimento de causa dentro da escola porque deixar a cargo dos professores essa missão... é... o professor, não foge da luta, mas não fica um trabalho adequado, não fica um trabalho é... como que a gente tivesse alguém que estudou para fazer aquilo. E eu não sei te dizer especificamente como seria esse trabalho porque eu também não tenho conhecimento de causa, eu não sou psicóloga, então eu não sei como... é... que funcionaria. Se você... é... quiser que eu... descreva como é a atuação do professor para minimizar as situações de violência hoje que existem nas comunidades e que acabam afetando os processos de ensino-aprendizagem dentro da escola, como é que a gente trabalha, aí eu consigo te dizer. Agora (.), eu imagino que (.) o psicólogo ele teria uma visão diferente da minha por ele ter estudado algo diferente de mim.
Ambiente escolar: seguro	Nós professores, atuamos no sentido de entender o que está acontecendo lá fora e de mostrar pra o aluno que... é... o ambiente escolar é um ambiente escolar seguro e que ele não precisa externar aquela situação de violência... dentro da escola... porque lá ele está seguro, porque um dos problemas das comunidades violentas é essa instabilidade de segurança, né?! É o aluno pensar que ele está vulnerável o tempo inteiro. Então, o psicólogo teria que tratar essa situação de vulnerabilidade. Nós desenvolvemos projetos, rodas de diálogos, normalmente coletivo e não-individual, no sentido demonstrar puro aluno que o ambiente escolar é um ambiente seguro, e que a violências que ele passa fora da escola são violências que não vão acontecer na escola. E aí a gente atua nessa perspectiva do social... mostrando, por exemplo, uma das maiores violências, no meu ponto de vista, é a vulnerabilidade alimentar, então... é importante que a escola tenha comida, tenha um ambiente limpo, tenha um ambiente seguro porque faz com que o aluno entenda que dentro da escola ele está... num lugar seguro mesmo que eles não estejam na comunidade, e aí as situações de violência, elas são minimizadas dentro da escola

Processo de ensino-aprendizagem	melhorando assim, o nosso processo de ensino-aprendizagem que é o que a gente... objetiva, né?! É melhorar os nossos números, os nossos índices, garantindo ao aluno, pela perspectiva da afetividade, inclusive, garantindo que esse aluno se desenvolva no ensino-aprendizagem e comece a ocupar espaços que, às vezes, a comunidade dele diz a ele que não o pertence. Então a gente atua criando projetos, como rodas de diálogos, como a trazida de profissionais pra desenvolver conversas, a gente faz palestras
Ambiente escolar: seguro	para mostrar que a escola é um ambiente seguro, a gente garante que a escola seja um ambiente limpo, seja um ambiente saudável, que tenha esporte nas escolas que tem quadra que é o no caso da gente, a gente abre pra comunidade vim... pra dentro da escola nos finais de semana, e a gente garante que durante a semana tenha sempre comida boa, de qualidade... pra que o aluno tenha essa segurança alimentar dentro da escola.
	ENUNCIADO 3- *Em conversa, dois professores comentavam sobre demandas que precisam assumir para as quais não foram preparados. Eles partilhavam dúvidas e inseguranças sobre...* (Continue a história...)

	ENUNCIADO 3- *Em conversa, dois professores comentavam sobre demandas que precisam assumir para as quais não foram preparados. Eles partilhavam dúvidas e inseguranças sobre...* (Continue a história...)
PROFESSOR NÃO FAZ: CUIDADOS DA MENTE	A necessidade de preparar os alunos para o enfrentamento de problemas psicológicos é uma tarefa muito complexa para os professores assumir, as necessidades da modernidade, quanto aos cuidados da mente. Surgem nas escolas diversos transtornos, que nascem dentro e fora do ambiente escolar, e vão desde distúrbios alimentares até problemas depressivos. O que nós faz pensar é que já nos basta ter que observar atipias como dislexia, autismo, enfim situações ligadas diretamente ao ensino aprendizagem, ter também que lidar com problemas mais complexos necessita de profissional específico.
	(COMPLEMENTO COM O SEGUNDO ENCONTRO)
PROFESSOR NÃO FAZ: IDENTIDICAR ATIPIAS	Em relação às... dificuldades que existem dentro da escola, em relação à... eles partilharem dúvidas e inseguranças, na seara da psique... está voltada para (.) já não nos basta identificar, quando eu falo assim, é... o que nos faz pensar é que já nos basta ter que observar atipias como dislexia, na realidade, é... dislexia, discalculia, TEA, são... processos, é... mentais que acabam afetando diretamente os processos de ensino-aprendizagem, e aí o que eu é... quero indicar é que nos... já nos basta identificar, porque quando a gente identifica que aquele aluno tem algum... problema de ensino-aprendizagem e a gente identifica que existe alguma... atipia, alguma coisa atípica naquele aluno, a gente identificou, agora a gente não sabe tratar.
PROFESSOR NÃO FAZ: IDENTIDICAR ATIPIAS	Um exemplo prático, há uns anos atrás, eu tive um aluno do primeiro ano do ensino médio que... não conseguia tirar do quadro e não conseguia desenvolver leituras. Passado o primeiro bimestre, a gente conversando, ele disse que achava que tinha dislexia, que um dia ele tinha escutado uma reportagem sobre dislexia, pesquisou então no google, colocando a parte de áudio, pra ele pesquisar falando, e ele se identificava como alguém disléxico,

DEMANDAS DO PSICÓLOGO: IDENDIFICAR TIPO DE COISA ATÍPICA	mas houve uma falha durante todo o processo de ensino-aprendizagem, me parece que, em algum momento do ensino-aprendizagem, da formação escolar brasileira, não se entendeu o profissional da saúde para psicologia como necessário dentro da escola porque cabe ao professor a identificação de algo atípico que afeta aquele aluno no processo de ensino-aprendizagem, mas não cabe ao professor identificar qual é o tipo de coisa atípica que está afetando aquele aluno, é necessário existir um profissional da psicologia dentro da escola.
	Hoje, até existem, na minha escola, por exemplo, tem uma sala de atendimento especial, essa pessoa é formada numa licenciatura e tem... pós-graduações em atendimento especial. Ela é especialista em... auti... em TEA, ela é especialista em ABA, e aí... ela não atende somente alunos da minha escola, ela atende alunos de várias escolas no nosso quadrante, onde os professores ou diretores (.) identificam que aquele aluno... tem algum problema de ensino-aprendizagem e levam pra ela, pra ela tentar identificar qual é o problema de ensino- aprendizagem que existe ali. Existindo profissional da psicologia dentro da escola, isso se tornava muito mais fácil, isso não deixaria acontecer... um aluno no primeiro ano do ensino médio que não lê, que não sabe tirar do quadro, e que sozinho, talvez, esteja identificando que tem dislexia, que é um absurdo. O absurdo é a falta de amparo do profissional da psicologia dentro da escola, o sistema parece que, em algum momento, entendeu que esse profissional não era necessário dentro da escola quando, na realidade, ele é fundamental, porque o professor até identifica aquela dificuldade de ensino-aprendizagem, mas ele não sabe lidar, ele não sabe identificar nem essas situações nem situações mais complexas. E o que seriam situações mais complexas...? Crianças que alucinam, crianças que têm crises de ansiedade e que veem coisas que estão acontecendo na sala de aula sem elas estarem acontecendo, crianças que têm, aparentemente, traços de esquizofrenia, e que a gente não sabe como lidar pela complexidade que o caso carrega, é necessário ter um profissional específico dentro da escola que saiba lidar com aquelas situações porque nós não fomos formados pra isso, nós não temos... capacidade técnica para identificar esses problemas mais complexos, a gente identifica: “ali há algo que precisa ser investigado”, mas a gente não tem capacidade investigativa. E aí é necessário, sim, se repensar, né?! É... se repensar... a necessidade do profissional da psicologia dentro da escola para fazer o amparo a professores e alunos porque quando um professor identifica que aquele aluno tem alguma necessidade, aquilo também o afeta (.), né?! Aquilo também, além de nós sermos pessoas mortais, então a gente é de carne e osso, a gente também sente, a gente também tem problemas psicológicos, a gente também tem problemas que precisam de tratamento e, às vezes, a gente não tem capacidade de se olhar, a gente não tem capacidade de se identificar, a gente não tem capacidade de ver que a gente também tá precisando de cuidados. Existindo um psicólogo dentro da escola, essa tratativa toda, em relação a professores e alunos, sequer dava com mais tranquilidade, seria muito mais tranquilo para ambas as partes, para todos que estão naquele ambiente escolar.

PROFESSOR (A) B

UNIDADE TEÁTICA/ SIGNIFICAÇÃO	ENUNCIADO 1- *Professores da rede pública de uma cidade do interior de Pernambuco, aguardam pelos novos profissionais concursados, inclusive psicólogos, que serão integrantes da equipe pedagógica de suas escolas. Entre os professores, as expectativas sobre a entrada dos psicólogos nas escolas ... (continue a história...)*
Demandas do psicólogo escolar: ajudar alunos	Entre os professores, as expectativas sobre a entrada dos psicólogos nas escolas será de grande ajuda, pois conhecendo os alunos através das histórias reais deles, nós professores podemos entender melhor cada situação e tentar, de algum jeito, ajudar no crescimento pessoal e intelectual dos mesmos. Psicólogos na escola significa ajuda mental para adolescentes normalmente perdidos e desacompanhados. Ouvir, compreender sem julgar é, sem dúvida, um trabalho de alguém treinado e com conhecimento prévio de como fazer essa escuta. Outros profissionais se arriscam nessa

	área, porém muitas vezes eles não conseguem ajudar por falta de conhecimento e técnica que o profissional da psicologia tem.
	DEPOIS DO RETORNO
DEMANDAS DO PSICÓLOGO ESCOLAR: AJUDAR ALUNOS	Quando eu falo de "perdidos e desacompanhados", é (.) eu quero dizer que perdidos em relação à vida, eles realmente não têm uma perspectiva, eles não conseguem imaginar o futuro deles. Se você é... conversar com qualquer um deles, no terceiro ano, por exemplo, no ensino médio, eles não sabem o que querem ser quando crescer, essa famosa frase. É (.) eles não têm noção do que são as profissões, se eles querem seguir pro lado é (.) de uma universidade ou se querem ir direto pro mercado de trabalho. Eles estão perdidos. Assim, se você perguntar o projeto de vida deles, eles, de fato, de quarenta alunos, cinco sabem o que querem ser quando crescer; o resto, não faz ideia, diz um curso qualquer ou uma profissão qualquer só pra não ficar sem resposta, mas eles não sabem o que aquele curso vai, é... fazer com eles, eles não sabem aquele tipo de trabalho, é... se vai ser a melhor opção pra eles na vida. Então, é esse o sentido de "perdido
DEMANDAS DO PSICÓLOGO ESCOLAR: AJUDAR O AMBIENTE FAMILIAR E ALUNOS	E o "desacompanhado" é que a família, hoje em dia, é muito ausente, diferente do tipo de família que cada um tenha, é... não é o tipo da família; e sim, presença familiar de alguém responsável por eles, que não existe mais. Então, o aluno faz alguma coisa errada, por exemplo, a gente fica sem ter pra quem ligar, porque tem não vó, não tem pai, não tem mãe, não tem tia. Então, eles estão desacompanhados. Tanto que, quando você fala sobre educação, educação doméstica, com eles, eles não têm essa noção do bom... do "Bom dia!", "com licença", do "obrigada". A maior parte deles, é... é de uma família completamente desestruturada. Então, fica só dentro de casa, o dia todo, não tem ninguém que pergunte como se... foi a aula ou o dia. Então, é nesse sentido o "desacompanhado". O psicólogo na escola, pra esses... esses dois tipos de adolescentes, é... eu, eu como já fiz, é... terapias com psicólogo e conheço um pouquinho da profissão, eu acho que são pessoas que podem nortear a vida de uma (.) pessoa informação, pessoa em formação, né? Um ser humano em formação. Então, o psicólogo ali ele vai (.) ajudar esses adolescentes a perceberem quem eles são, é... a perceberem que eles têm capacidade, desde que haja dedicação, é... o psicólogo vai ajudar a entender o ambiente familiar e como lidar com esse ambiente familiar pra que isso não seja prejudicial na formação desse ser humano. É (.), muitos deles têm muitos problemas com a família, e... isso interfere demais na concentração, no desenvolvimento é... pedagógico mesmo. Então, esse psicólogo ele vai ser a... a estrutura que, que esse adolescente em formação precisa, o apoio que esse adolescente precisa, porque a gente como professor, a gente tenta, mas a gente não tem formação pra isso, a gente tenta se... ter a presença pedagógica, a gente tenta conversar com, com aquele aluno que a gente sabe que tá passando por uma dificuldade, tentar trazer ele pro ambiente escolar da melhor forma, mas a gente não tem a formação. Eu acho que cada um no seu quadrado, funciona muito bem. O professor no... na ideia de... do conhecimento pedagógico, o psicólogo no conhecimento pessoal e cada um na sua profissão. Então eu acho que é... essa é a ideia mesmo. O psicólogo vai ajudar no desenvolvimento pessoal daquele adolescente em forma... daquele ser humano em formação. No adolescente que é um ser humano em formação.
	ENUNCIADO 2- *Em uma escola estadual localizada em uma área de difícil acesso na região metropolitana de Recife, há uma alta incidência de violência e muitos casos de adolescentes com dificuldades de aprendizagem. Considerando-se que ainda não há o serviço de Psicologia nessa escola, alguns professores* ... (Continue a história...).
PROFESSOR NÃO FAZ: CONHECIMENTO ESPECÍFICO	Considerando-se que ainda não há serviço de psicologia nessa escola, alguns professores se arriscam em ouvir e tentar ajudar os alunos com o conhecimento de vida que eles tem mesmo que não seja os melhores ou mais apropriados. Cada professor tem uma vivência e uma visão de mundo e a realidade do aluno pode não ser condizente com os pensamentos e filosofia desse professor e isso pode causar ainda mais problemas e dificultar mais ainda a aprendizagem. O medo e a insegurança dos moradores dessa área necessariamente atrapalharão o rendimento escolar e os professores não habilitados para trabalhar na área irão tentar ajudar e provavelmente se

	frustrar, ajudando ou não o aluno.
	(RETORNO DO ENUNCIADO)
PROFESSOR NÃO FAZ: CUIDADOS DA MENTE	Os outros profissionais, somos nós professores, que a gente tenta se... ter a presença pedagógica que é... Paulo Freire falava muito, é... o (.) é (.), coordenador pedagógico, o (.) é... assistente é... educacional, até mesmo o pessoal da secretaria da escola. A gente quando vê um aluno que nã... que sa... que a gente percebe que ele não tá bem, a gente vai lá. A merendeira, o porteiro, todos nós, os adultos que estão dentro de uma escola, a gente tenta fazer esse papel é... pedagógico
PROFESSOR NÃO FAZ: CUIDADOS DA MENTE	de ser quase um psicólogo, porém, a gente não tem essa formação, então é... quando eu chego para conversar com um aluno, como muitas vezes aconteceu, de tá um aluno sentado sozinho na escola, a gente sempre estranha porque adolescente anda em bando, né? Então a gente vai, senta: Tá acontecendo alguma coisa?", "Quer conversar". E aí a gente escuta, não é? Diversas vezes eu já... já escutei coisas absurdas que acontecem na vida deles e aí, é...: como aconselhar? Por mais que eu seja adulta é... eu levo pro lado pessoal porque eu não consigo fazer essa separação do, do, da... do humano, do meu lado humano pra o meu lado profissional de professora. Então, de repente, eu escuto, como eu já escutei uma aluna que tava sendo abusada pelo pai, ou melhor, pelo padrasto. E aí, como não se revoltar com isso? E, e ter o lado só pedagógico de: "Vamos procurar ajuda", "Vamos é... falar com a polícia", "Vamos...". É difícil você ser frio nessa hora, pra olhar só o problema sem humanizar. Então, o psicólogo ele é treinado para escutar, primeiro, pra sab... escutar e ver se aquilo ali é real ou imaginário, porque a... eu como professora não tenho essa capacidade. Eu me revolto logo e quero ajudar. Então, o psicólogo ele tem, ele consegue ver a narrativa quando ela é, ela é verídica ou não e... pe... depois disso, como resolver esse problema? Na cabe... primeiro, na cabeça desse adolescente pra depois é (.) tentar, sei lá, tentar fazer alguma coisa é... no sentido prático da coisa, dizer quem tem que ser procurado e como tudo aquilo ali vai funcionar. E o psicólogo ele, ele consegue acalmar o coração desse adolescente. Eu tento, eu tento fazer rir, é (.) dependendo do problema, né? Fazer rir, é... amenizar a situação. Quando essa briga é familiar a gente tenta amenizar pra aquilo ali não ficar um monstro tão grande, mas eu não tenho essa formação. Então, é... é isso. Acho que todos nós tentamos fazer presença pedagógica, porém sem formação para acalmar como o psicólogo tem, né? Esse dom.
	TRECHO 2 - Também no seu texto, a senhora escreveu: "professores não habilitados para trabalhar na área irão tentar ajudar e provavelmente se frustrar, ajudando ou não o aluno". Eu interpretei nessa frase, que o senhor/senhora diferenciou as tentativas do professor não habilitado e o possível trabalho do psicólogo. Poderia me falar um pouco mais o que pensa sobre as diferenças entre as ações dos professores não habilitados e o trabalho do psicólogo?
DEMANDA DO PSICÓLOGO ESCOLAR: RESOLVER PROBLEMAS	Cara que não é habilitado pra trabalhar com a parte psicológica pra um psicólogo é bem clara, é... nós professores a gente fala o que a gente imagina que a pessoa queira ouvir e que vai acalmar o coração, e o psicólogo ele vai falar o conhecimento mesmo, né? A... a ideia de... ele pega um problema, ele estuda o problema, ele tenta dar a solução pro problema, de acordo com as necessidades, né? Ele tem, a... a habilidade de ouvir e interpretar da forma correta que o professor não necessariamente tem. A gente escuta, é... leva pro coração, né? E aí o... o nosso lado emocional é quem vai fazer a interpretação, e aí... a gente vai é... fazer o lado pai e mãe, não de... de... é... alguém que entende e que vai saber resolver o problema, é isso. **ENUNCIADO 3**- *Em conversa, dois professores comentavam sobre demandas que precisam assumir para as quais não foram preparados. Eles partilhavam dúvidas e inseguranças sobre...* (Continue a história...)
PROFESSOR NÃO TEM: CONHECIMENTO ESPECÍFICO	Eles partilhavam dúvidas e inseguranças sobre como irão ministrar aulas sem o conhecimento específico, como assumirão demandas que não estão no hall de conhecimento. Eles vão tentar se ajudar e pesquisar sobre essas novas demandas e buscarão soluções para que os professores consigam desempenhar de forma eficiente e que o trabalho seja concluído e as inseguranças e dúvidas sejam sanadas sem muitos problemas

	RETORNO DO ENUNCIADO
PROFESSOR NÃO FAZ: CUIDADOS NA MENTE	Essas demandas que a gente... que são bem específicas, hoje em dia, com o novo ensino médio, a gente tem, por exemplo, eu tenho duas matérias é... duas turmas; uma é... inglês no cotidiano; a outra é..., diversidade cultural e linguística é... em relação à língua inglesa. Então, eu não fui treinada pra nenhuma das duas, e eu ainda tenho uma terceira que é protago... protagonismo juvenil, que eu acho que deveria ser é... ministradas por psicólogos, certo? Porque pra você ser protagonista você precisa ter um desenvolvimento mental é... muito bom e uma capacidade de resolução excelente e... é... uma inteligência emocional maior ainda. Então, na hora que eu dou aula sobre protagonismo juvenil, eu deveria ser treinada pra entender determinados processos que a mente passa com... com o crescimento. Eu não sou treinada pra isso. Eu não sou treinada pra, de repente, falar sobre a diversidade cultural de todos os países que falam a língua inglesa, não sou treinada. Eu sou professora de inglês, com formação específica pra língua inglesa e língua portuguesa. Então, você me passa a gramática de língua portuguesa, eu vou estudar e eu vou dar uma aula. Você me passa a gramática de língua inglesa, eu vou lá e vou dar aula, é... vou falar sobre as diferenças linguísticas, mas culturalmente, eu não tenho essa formação, até porque, por exemplo, eu não conheço o Reino Unido, então como é que eu vou falar da diversidade cultural de um país que eu não conheço? É... eu falo sobre os Estados Unidos por conhecer, mas qualquer outro país que fale a língua inglesa, eu não tenho esse conhecimento. Então, é... nenhuma formação foi me dada pra falar com adolescentes sobre é... ISTs, por exemplo, sobre religião, que é o que a gente conversa no protagonismo juvenil, sobre é... perspectiva de vida. Então, como é que eu vou fazer essa aula funcionar da forma correta se eu não tive esse treinamento, entendeu?
DEMANDAS DO PSICÓLOGO ESCOLAR: DAR AULA	Acho que o psicólogo trabalharia (.) Primeiro, ele tem a noção de é... qual o grau de... desenvolvimento mental que um aluno do terceiro ano tem, por exemplo, um aluno de segundo ano. Então, o psicólogo ele, na formação dele, eu imagino que ele estuda as fases da vida. Então, uma... um adolescente com dezesseis anos quando vai falar sobre religião ele não tem muita, muita ideia do que é religião em si, é... quais religiões existem. É... porque cada religião trata de um jeito o... o... o ser que ele acredita como maior, tá? Então, quando eu fui trabalhar nessa sala o que que eu fiz? Eu peguei as principais religiões e as religiões que mais é... sofrem preconceito, por exemplo, o... a umbanda, é, né? Então, o espiritismo. Então, essas eu dei um foco um pouco maior pra que eles conhecessem mais sobre a religião pra desmistificar o que cada religião é... tem, né? que as pessoas dizem que tem, por exemplo e aí é... depois que eu passei esses slides eu perguntei a eles o que é que eles imaginavam que... que acontecia em determinados lugares. Então, o psicólogo ele tem essa é... essa formação para ouvir criticamente o que um adolescente fala e levar a conversa pra o... o... o caminho correto. Não sei se eu consegui fazer isso nessa aula de religião, por exemplo, mas é... quando a gente falou sobre ISTs (.) os alunos é que me deram aula, não fui eu que dei aula a eles. Eu trouxe o problema, eu perguntei se eles conheciam, quais eram as que eles conheciam, como é que se transmitia, como é... se tinha cura, se não tinha, e aí eles foram dando a opinião, as que eles erraram nas respostas porque eu me... eu treinei antes, né? eu li sobre, antes. Nas que eles erravam as respostas, eu dizia o correto. No fim das contas, perguntei a eles como evitar, então, eles me deram todas as respostas. Talvez por se... ser um assunto muito mais fácil é... muito mais, é... propagado, né? Mas o psicólogo, a... acredito eu, que daria essa aula de forma mais lúdica, diria a... palavras que eles estão muito mais acostumados a ouvir e expressões que eles entenderiam muito melhor do que eu falando, por exemplo. E aí... aí eu acho que é de conhecimento de... de desenvolvimento mental mesmo. É... eu sou a parte pedagógica, mas não sou a parte psicológica da coisa. Então, eu não consigo me encaixar tão bem como eu gostaria, por exemplo, como professora. Mas, eu acho é isso.

ANEXO 2 . QUADROS DE LEVANTAMENTOS UNIDADES TEMÁTICAS/ DE SIGNIFICAÇÃO - PSICÓLOGOS

PSICÓLOGO 1

UNIDADE TEMÁTICA/ SIGNIFICAÇÃO	**ENUNCIADO 1** *Em festa comemorativa de fim de ano dos psicólogos da SEDUC, a felicidade era contagiante por causa da aprovação da Lei 13.935/2019, que determina a inserção dos psicólogos dentro das escolas públicas. Os psicólogos falavam muito das suas expectativas... (continue a história)*
Demandas do psicólogo escolar: elaborar e promover políticas públicas educacionais	Fomentar a política pública para a compreensão da dinâmica escolar; elaborar e dar formações aos profissionais da educação na perspectiva de promover a saúde mental e emocional dos profissionais que atuam diretamente com estudantes e seus familiares; desenvolver estratégias para atividades em grupo com estudantes de diferentes territórios circunscritos a Secretaria Estadual; Coletar informações do público da rede estadual (profissionais da educação, estudantes, família) possibilitando elaboração de estratégias que favoreçam o processo ensino-aprendizagem; Promover ações inclusivas e adaptar ferramentas para atender a rede pública estadual e suas especificidades. Atender as especificidades apresentadas por diferentes territórios; tratar de temáticas, tais como: bullying e cyberbullying, violência sexual contra crianças e adolescentes, saúde emocional na escola, prevenção e enfrentamento às drogas, prevenção à gravidez precoce, prevenção às violências, discriminação e preconceitos voltados para a população negra e outras etnias, prevenção às violências e discriminação contra a população LGBTQIA+., promoção de competências socioemocionais; atender a solicitações do Ministério Público e do Tribunal de Justiça, auxiliar nas parcerias feitas entre a SEE e a instituição parceira, representar a SEE em diferentes conselhos estaduais, participar de formações destinadas as suas funções e especificidades.
Retorno/ Pesquisador	Trecho 1: *[...] promoção de competências socioemocionais; atender a solicitações do Ministério Público e do Tribunal de Justiça, auxiliar nas parcerias feitas entre a SEE e a instituição parceira, representar a SEE em diferentes conselhos estaduais, participar de formações destinadas as suas funções e especificidades*
Demandas do psicólogo escolar: prevenção e intervenção na saúde mental	Veja, você tem que ver o psicólogo na secretaria de educação, ele tem como, digamos assim, base, a formação do profissional, então, se ele está no núcleo de assistência ao servidor, que é o NAS, tá?!. Ele vai cuidar dessa saúde mental que está lá. É o psicólogo que foi, que participou daquele concurso e quis essa função nesse núcleo justamente para trabalhar todas as questões tanto de prevenção quanto de intervenção junto a esse profissional da Secretaria de Educação que está apresentando qualquer necessidade de intervenção, tá? Sobretudo, da saúde mental e física.
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: ações transversais com as gerências	Nas outras gerências, nas outras Secretarias executivas, porque aqui tem mais de quatro secretarias executivas, cada uma tem ação específica. Dentro delas tem as gerências, cada gerência tem uma especificidade, exemplo, não é, existe a gerência, vou pegar a SEDE, que é a Secretaria Executiva de Desenvolvimento da Educação Então, dentro dela tem uma quantidade grande de gerências, essa aqui que você está, onde eu estou localizada, ela é uma gerência de políticas educacionais da educação inclusiva, direitos humanos e cidadania. Então, toda resposta que eu te dei do primeiro enunciado está muito voltado para o nosso trabalho de dia a dia aqui. As outras secretarias

	executivas, elas também trabalham, de uma certa forma, com esses recortes de uma forma transversal e dentro dos itinerários,
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: analista educacional	por exemplo, como o novo ensino médio, não é? E, no caso, o psicólogo que está como analista, porque quando ele entrou, ele entrou como analista educacional, não é? Então ele tem lá o cargo e a função dele, ele vai atender a especificidade daquela gerência e da unidade que ele está, está atuando.
Educação especial	Vou te dar um exemplo, aquela unidade mais a frente que é só de educação especial, tá?! Ela é uma unidade de educação especial na perspectiva inclusiva. A chefe de unidade, ela tem uma especialização, aliás, ela tem um doutorado em psicologia também, mestrado e doutorado, ela não é psicóloga, mas tem. Então o olhar dela, quando ela está olhando, ela está olhando todo esse leque que abrange a educação especial, então, desde a criança autista, a questão da cegueira, a questão. Então, esse sujeito, ele é um sujeito que tem uma deficiência que pode ter uma comorbidade, tá?! No ponto de vista emocional ou não. Ele pode ter um transtorno de personalidade, não sei, pode chegar um caso assim? pode. Então ela vai fazer essa leitura dentro das necessidades, o que ela poderá promover.
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: prevenção e intervenção na saúde mental (violência na escola)	A minha unidade específica ela é de prevenção às violências, então tudo que estiver relacionado, não é?!, a violência contra crianças e adolescentes é da responsabilidade da minha equipe, a minha responsabilidade da minha equipe, pensar em estratégias, intervenções para ajudar nesse processo juntoa criança, junto ao professor, não é?!
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: prevenção e intervenção na saúde mental (atenção aos casos de suicídio)	A exemplo, nós acompanhamos casos de suicídios, nós tivemos professores que cometeram, não é?!, suicídio, que atentaram contra, não só atentaram, não é?!, realmente ele veio a óbito, estudantes também.
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: prevenção e intervenção na saúde mental	Outros casos de ansiedade, outros casos de depressão. Então, quais são as estratégias? A escuta qualitativa que a gente faz junto a esse sujeito. Então, tudo que diz respeito aqui eu tenho que pensar na formação desse profissional
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: prevenção e intervenção na saúde mental (atenção à família)	que vai lidar com essa população que apresentem "enes" sinais, independente de apresentar ou não, a gente tem que ofertar estratégias para prevenir. Então, quando a gente trabalha numa perspectiva da prevenção a gente vê. Com professores e com estudantes, o que a gente ainda não alcançou foi a família. Essa terceira haste dentro da comunidade escolar é que está faltando a gente chegar e a gente ainda não chegou, chegou, como?
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: formação para educadores	A exemplo, de uma das formações que nós fizemos que durou o ano passado foi uma formação que ela tem um caráter multiplicador. Nós formamos os técnicos da secretaria de educação, formamos os educadores de apoio, formamos os analistas e todos os outros, e professores convidados, para que eles multiplicassem a formação, puxando a escola para trabalhar essas questões socioemocionais em todos os territórios do Estado de Pernambuco.
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: monitorar ações	Se eles darão conta ou não, quem vai dizer é o nosso monitoramento, porque aí a gente tem que pegar uma ferramenta para monitorar e para procurar saber como é que foi ou como está sendo essa multiplicação nos diferentes territórios.

Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: atenção à normatização	Sane, com a educação inclusiva, ela está hoje numa gerência de normatização, a gerência de normatização ela vai pensar a normativa de matrícula, não é?, a normativa do espaço da educação inclusiva. Então, ela dá, ela e Máuria, formações também relacionadas a essa normativa para atender essa especificidade.
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: formação para educadores	Ela pode fazer determinados trabalhos como ela tem também uma outra formação junto com, é, a formação de psicólogo. A exemplo, Máuria é intérprete de libras, então elas fazem esse trabalho. A Máuria trabalha numa escola também e que atende a essa demanda. Então, nós pensamos, sobretudo, a coluna vertebral, é a formação dos profissionais da educação. Quem são esses profissionais da educação? Todos que trabalham com a demanda educacional. Do gestor escolar até o porteiro, que abre, a gente pode fazer formação que convide esse porteiro, convide o pessoal da higienização, convide o pessoal da merenda, convide a todos a participar para que a gente possa, não só fazer a escuta, mas levar alguns subsídios para que eles possam estar junto a essa demanda infanto-juvenil.
Pesquisador	*Se abrir o concurso de mil vagas para psicólogo escolar para colocar um psicólogo escolar em cada escola do Estado, essas políticas que vocês trabalham enquanto psicólogos dentro da Secretaria de educação iriam passar para eles ou a senhora acha que eles teriam outra atuação dentro da escola?*
UNIDADE TEMÁTICA NÃO IDENTIFICADA	*As duas coisas, não é? Porque vai depender de cada* profissional. Primeiro, veja, quem está dentro da escola recebe da base, qual é a base? Vamos supor que isso aqui seja, a base aérea nacional e eu tenho que mandar aviões, tá?!, para, para ajudar agora com a população Yanomami, tá?!, estou fazendo aqui uma analogia.
Demandas do psicólogo: atenção à normatização	O psicólogo que estiver lá ele vai trabalhar conforme as diretrizes daqui, da Secretaria, então, nessa analogia, o que é que a gente tem? O psicólogo nos diferentes territórios ele vai estar, aqueles psicólogos que estão na escola, terão também gerências daqui que vão, é, digamos assim, desenvolver ações para ser desenvolvidas com eles e eles dentro de suas escolas, e a forma que cada um vai trabalhar vai depender da especificidade desse território que ele está, de levar conforme a sua comunidade escolar. Ele não vai atuar sozinho, ele não vai atuar "ah, porque hoje deu na telha, eu vou fazer isso e aquilo", distante das normativas porque as nossas ações, da Secretaria de Educação, a primeira coisa que a gente vai observar é o seguinte: existe normativa para isso. É possível isso ou não? Porque senão, ele pode responder, ele pode ter um processo, ele pode responder administrativamente. Então, ele tem, ele tem ações daqui que vai como política do Estado, tem essas ações que saem como políticas do Estado vai para gerências regionais, os diferentes setores das gerências regionais vão chamar esses psicólogos, vai conversar.
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: formação para educadores	Não é diferente do educador de apoio que entrou há dois anos, mas para que eles iniciassem na escola, todos eles tiveram formações, não foi uma, são formações, e elas são contínuas. O psicólogo também vai trabalhar possivelmente junto a esse educador de apoio também, não é?!, com essa dinâmica escolar.
Demandas do psicólogo: atenção à normatização	Ele não, é, até quando você está, eu trabalhei numa escola, em instituições particulares, trabalhei em três grandes instituições particulares. Tinha as questões que eram eu, o aluno e a família; mas todas essas questões tinham um coordenador, tinha um supervisor que era dialogado, eu não podia passar coisas específicas do aluno que era sigilo, mas a necessidade dele, a exemplo, está com baixo desempenho, esse baixo desempenho tem uma causa. Quais são as possíveis causas?

Demandas do psicólogo: atenção à família	Então, dialogava com aqueles que trabalhavam mais próximo a esse aluno, por quê? porque o que a gente queria ajudar era a este aluno e a esta família. Chama a família, conversa com a família. Se é um adolescente: "olha, eu vou ter, vou precisar chamar a tua família para a gente dialogar sobre isso, isso, isso e isso".
Demandas do psicólogo: atenção à normatização	Então, tudo era explicado, mas envolvia a todos porque quando nós estamos em qualquer lugar, até quando eu estou num consultório eu tenho um CRP por trás de mim que tem, não é? que vai chamar "fulana, olha a ética profissional. Fizesse isso aqui, está fora da ética ou está dentro da ética profissional?" Então, existem ações que o psicólogo vai ouvir, vai fazer, conforme a necessidade do momento, mas enquanto formação e enquanto atuação, ele tem que atender aquilo que está especificado, que inclusive no edital que ele se submeteu, porque o edital ele apresenta quem é esse psicólogo, quais serão as suas atribuições.
	Enunciado 2: *Em conversa com um conhecido que atua em uma Secretaria de Educação ele comentou que, quando há demandas especificas, o psicólogo escolar se vê com dúvidas e confuso sobre como resolvê-las e busca... (continue a história...)*
Demandas do psicólogo escolar: ter conhecimento	e busca aportes legais e teóricos, além de, face aos conhecimentos, possibilitar a resolução de problemas diversos
Pesquisador	*A senhora poderia esclarecer sobre esses aportes legais e teóricos?*
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: Atenção à normatização	[...] a população procura o Ministério ou o Ministério diante daquilo que vê como lacuna, ausência, falta, ou aquilo que vai de encontro aos direitos da criança e adolescente ou do profissional da educação, ele, é, solicita uma resposta da Secretaria, que pode ser, via documentos. A exemplo, é, sobre bullying, vamos imaginar que chegue muita denúncia de crianças e adolescentes que estão sofrendo bullying, então ele manda para a gente, ele pergunta a Secretaria e ao Secretário de Educação, o secretário de educação manda para a secretária executiva, a secretária executiva encaminha para as gerências que trabalham com a questão.
Bullying	Então, bullying, o número elevado de estudantes da rede estadual, não é? vítima de bullying. O que que a secretaria de educação tem feito, não é?!, para prevenção do bullying em espaço escolar? Aí a gente vai, responde: "conforme a Lei número tal, de prevenção ao bullying e cyberbullying dentro do espaço escolar,

Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: Atenção à normatização	a gerência", aí eu vou pegar aqui como exemplo, "de educação inclusiva, ou o núcleo de assistência, ou a escola, ou a gerência tal", no lugar de "ou" pode ser "e", não é?, "estão desenvolvendo essas, essas e essas ações". A ALEPE, não é?!, que é a Assembleia Legislativa, está com uma PL, um projeto de lei, manda a gente avaliar, não é?!, para saber da nossa anuência ou não com aquele projeto, com a avaliação, não é?!, ou que sugestão o que que, é, qual é a nossa leitura por contribuição para aquele projeto? Então tem projetos que a gente diz ser favoráveis, somos favoráveis, ao projeto lei número tal, encaminhado pelo ofício tal, do deputado fulano de tal. Ou, não somos favoráveis por isso, isso e isso, que já existem ações no Estado que atendem a essa demanda. Então depende muito daquilo que, é, vem tanto da ALEPE quanto do Ministério Público. Os aportes legais são, existem diferentes aportes legais, tá?! Os aportes legais são todos e qualquer lei, decreto, portarias, que esteja relacionado a essa, a essa, educação pública no Estado de Pernambuco, não é?!, e as ações, demandas que envolvem alunos, não é?!, os estudantes, professores e demais. Então, existe uma quantidade. Existe, para que você tenha uma ideia, uma normativa que todo ano é vista para a matrícula, no Estado, que ele vai falar desde: primeiro momento da matrícula, como deve ser feito. Quando ela vem a ser anunciada na rádio, na televisão, ela já passou pela normativa aqui das diferentes, as diferentes gerências já fizeram leitura, sugeriram, até sair um dele da normativa e a matrícula ser cumprida conforme aquela normatização. Sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes, existe o ECA, o Estatuto, não é?!, da Criança e do Adolescente, o Estatuto, é, como é que se diz?, da Juventude, existe, se for alunos estudantes da EJA, Estatuto do Idoso, é, existem todo uma normativa, ou portarias, ou leis, para trabalhar a questão da prevenção a gravidez precoce, não é?!, as drogas, a violência escolar, tudo isso existe leis por trás, a gente lê a Lei na íntegra, vê o que que a gente pode, a partir de quais artigos, incisos a gente pode responder e a gente pode fazer determinadas ações para atender aquelas demandas, esses são os aportes legais. Então, existem normativas que saem daqui da Secretaria e aí quem vai fazer isso é a GENSI, que é a Gerência de Normatização, que ela vai dizer até para o aluno estudar, ele tem que estar adequadamente, numa sala, cumprindo um metro quadrado
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: Atenção à normatização (casos de deficiência)	Se tem uma criança com deficiência, ele tem que ter o educador para dar suporte a ele, não lado a lado, mas naquela escola ela precisa ter, é, sala multifuncional, precisa ter uma sala multifuncional. Ela tem que ter, se tem uma criança, é, com deficiência, não é?!, baixa audição ou perda total, uma baixa acuidade ou perda total da audição, tem que ter o intérprete de libras, lá. Para que o intérprete de libras esteja lá, ou um técnico braile visual, é preciso atender a essa normativa.
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: Atenção à normatização	Aí, é, esses são os aportes legais, que tanto podem estar no nível - desculpa - federal quanto estadual, a gente vai procurar o que é que tem na normativa. A primeira, qual é? A Carta Constitucional. O que que, o que que a nossa Constituição já dizia sobre isso? Aí depois, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o que que ela prevê sobre esse tema? Ou sobre esse objeto aqui que a gente tem que estar estudando, que a gente tem que estar formando, tem isso, essa é o que a gente chama de normativas, tá?! E tem também, é, toda a questão do, além do aporte legal,
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: Conhecimento (aporte teórico)	tem todo o aporte teórico. Então, dentro do aporte teórico, a Secretaria de Educação trabalha muito à luz da humanização, dos direitos humanos, ela trabalha em cima da questão da pedagogia freiriana, e como a psicologia, o que que nos dá sustento hoje? Desde a neurociência, a teoria social cognitiva, a os aportes teóricos, é, quando vai se falar de escrita, de leitura, não é?!, aí você vai para um a Emília Ferrero ou você vai para uma, é, você pode ir para um aporte da, daquela menina que morreu recentemente, Magda Soares, que é letramento,

Psicólogo na Educação	vai depender muito o que, sobre o que nós estamos falando dentro da educação, porque tudo isso é educação, e o psicólogo que está inserido na educação ele precisa ter clareza disso também, não é única e exclusivamente sair como ele sai da faculdade. Se ele sair da faculdade, os profissionais que lá estão tiver um olhar, de fato para a educação, ele vai citar essas coisas. Como eu tenho as duas formações em pedagogia e psicologia e trabalho nas duas áreas, quando eu estou formando os meus alunos eu falo sobre isso tudo, porque eu tenho uma noção, mas eu não sei se todos que saem do curso de psicologia têm essa noção, ou quando ele sai com a formação do psicólogo que vai atuar dentro da unidade escolar ali ele vai se apropriando e aí ele vai, não é?!, é claro, se fundamentando. Ele sai com uma fundamentação que a universidade dá para ele, uma fundamentação teórica, mas muitas vezes ele não tem nem noção da existência de todas essas normativas.
	Enunciado 3: *Psicólogos que atuam na Secretaria de Educação são frequentemente solicitados por escolas estaduais para resolver problemas que ocorrem dentro delas, de natureza e gravidade diversa. Nessas situações*
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: Atenção à normatização	[...] é relevante que o profissional tenha clareza das possibilidades e limites, assim como, dos desafios face à sua atuação, pois trata-se de instituição pública e suas ações, atitudes e respostas devem estar respaldadas pela ética profissional, pelos documentos normativos (leis em geral conforme as temáticas).
Retorno/ Pesquisador	*TRECHO 1: na sua narrativa a senhora menciona que "é relevante que o profissional tenha clareza das possibilidades e limites, assim como, dos desafios face à sua atuação" poderia discorrer mais sobre isso?*
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: eventual ida à escola para atendimento especializado	[...] ele não vai estar fixo a sala multifuncional, ele vai à sala multifuncional se aquela criança ou aquele adolescente, se aquele estudante tiver a necessidade de estar lá. Ele pode estar lá como ele pode estar numa sala, se o espaço escolar permitir, de grupo. Tem escolas que têm salas assim que acolhem os alunos, que fazem relaxamento, que desenvolve um trabalho de consciência corporal. O psicólogo, ele pode fazer isso para trabalhar o autoconhecimento, a autoimagem, a relação desse, desse corpo com a aprendizagem, não é?!, com a própria sexualidade desse adolescente,
Unidade temática não identificada	porque cada um tem um olhar para o mundo, tem uma leitura de mundo, tem uma forma de ser e estar no mundo. Quando você vai atuar, por mais que você seja ético, mas, ou tente ser, existem coisas que você diz "espera aí, mas eu vou dizer aquilo que eu não acredito?". Eu posso até não tecer comentários, não aprofundar, mas eu vou dizer "isso aqui existe". Posso trabalhar de uma outra forma, buscar meios que, transversais, que eu posso trabalhar determinados temas.
Demandas do psicólogo escolar no SEDUC: lidar com limites	[...] pois toda comunidade escolar vem apresentando necessidade de ter em seu quadro funcional o psicólogo e o assistente social. Contudo, é relevante frisar que o psicólogo escolar e educacional deverá ter clareza de sua atuação e intervenções sabendo, sobretudo, dos limites, desafios e possibilidades específicas a sua função. Percebe-se que a comunidade escolar (gestores, técnicos, analistas, professores, estudantes, família) confunde a atuação do psicólogo no âmbito escolar / educacional, com a atuação clínica.
Retorno/Pesquisador	*TRECHO 1: De acordo com a senhora "Percebe-se que a comunidade escolar (gestores, técnicos, analistas, professores, estudantes, família) confunde a atuação do psicólogo no âmbito escolar/educacional, com a atuação clínica. Poderia falar mais sobre isso*?

Psicopedagogia	[...] O psicólogo, ele pode ser um psicopedagogo, assim como o psicopedagogo pode ser especialista em psicopedagogia, inclusive clínica. Tanto clínica quanto institucional. Isso é real, a gente não pode negar. A psicopedagogia não é uma especialização nem é uma formação única e exclusiva do psicólogo. Essa é uma briga eterna do conselho, dos conselhos, com a classe da pedagogia e a pedagogia com a psicologia.
Pesquisador	*A senhora acha que dentro da escola eles confundem...?*
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: conhecimento (formação para especializações)	[...]podem confundir... [...] possivelmente pela questão, veja, o psicólogo escolar ele pode ter a especialização da psicopedagogia institucional e clínica, nada o impede de ter, nada, nada o impede de ter. A diferença vai ser como eu vou atuar na escolar? Que tipos de intervenções eu posso desenvolver dentro da escola? E o psicopedagogo que tem a formação de pedagogia ele não tem uma formação, um olhar, muitas vezes, dos transtornos de personalidade. O psicólogo ele é escolar, ele pode ter ou não, porque vai depender da formação dele. Ele teve as cadeiras? Teve. Ele assistiu às aulas? Assistiu. Mas ele parou ao longo do tempo para ver realmente, para pesquisar? Que aluno é aquele? O qual a demanda dele? o que é que ele está trazendo? Ambos podem, sim, coexistir dentro do espaço escolar, dentro do aspecto da cognição, dentro do aspecto da, por exemplo, o sujeito que precisa olhar para os conceitos que está prendendo enquanto aprendizagem, como Alícia Fernandez, que é psicanalista e psicopedagoga argentina, não é?!, dentro da perspectiva lá, é, da psicanálise que ela faz a leitura, ela e o marido, fazem uma boa leitura sobre a questão do sintoma, não é?
Especialização no campo da Pedagogia	O pedagogo que faz uma especialização em psicopedagogia ele vai ter esse conhecimento só que ele tem a limitação desse conhecimento, porque ele estudou à luz da psicopedagogia, à luz do que é aprendizagem e o que educação.
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: eventual ida à escola para atendimento especializado (foco na análise da queixa; sintoma)	O psicólogo, ele vai, o que é o sintoma? Que estrutura é essa? Quais as relações? Quais são os fatores que estão aí relacionados? Quando eu faço análise da queixa dimensional o que que eu vejo? O psicopedagogo ele está aprisionado? Está. O sintoma é esse,
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: eventual ida à escola para atendimento especializado (foco na subjetividade; cognição)	mas cognitivamente ele ficou aqui, o que que eu posso fazer junto ao professor e a aqui, para que ele possa avançar na leitura e na escrita? Eu posso ofertar o quê? Um vai trabalhar a demanda da subjetividade mais especificamente e esse psicopedagogo, se ele trabalhar em conjunto com o psicólogo, a demanda mais cognitiva que aí é a neurociência. Se ele tiver uma noção de neuropsicologia, ele vai ter condições de fazer.
Demandas do psicólogo escolar no SEDUC: lidar com limites (financeiro)	Então, os dois. Só que existe dinheiro para isso? Não existe. Como não existe, eles têm que priorizar quem, de fato, vai contratar. Hoje, com a demanda que existe, é urgente o psicólogo escolar. Eu te digo, com a demanda das violências que existem, os transtornos de ansiedade que existem, a depressão, hoje, o psicólogo escolar. Porque todas essas questões estão impactando na cognição. É por isso que os dois podem coexistir, mas não vai ter dinheiro para os dois, meu amor. Não terá dinheiro para os dois. Eu não sei se eu consegui chegar a dizer claramente o que é o limite de um e o limite do outro porque existem coisas afins e que o limiar é muito curto,

Equipe multidisciplinar	só a formação mesmo. Aquele que tiver uma clareza de sua formação é que vai trabalhar. Eu trabalhei muito tempo. Trabalhei quase 22 anos. Eu como psicóloga educacional com colegas atuando como psicopedagogos, uma equipe interdisciplinar. "Vamos dialogar, vamos discutir esse caso. Quem faz o quê aqui?" Os dois estavam atuando,
Demandas do psicólogo escolar no SEDUC: lidar com limites (financeiro)	mas eram escolas, oh, economicamente, classe A. O Estado tem para isso? Ele pode até ter, mas é prioridade? Entende o que eu digo? Essa é a grande questão. Outros colegas podem ter outras explicações, no momento, é isso que estou tendo.

PSICÓLOGO 2

UNIDADE TEMÁTICA/ SIGNIFICAÇÃO	**Enunciado 1:** *Em janeiro de 2015, em uma cidade brasileira, mais de 27 profissionais foram convocados para assumir o cargo de psicólogo escolar dentro da Secretaria de Educação do Estado. Dentre suas atribuições constava... (continue a história)*
Demandas do psicólogo escolar da SEDUC: atenção à normatização (função técnica de analista educacional)	Os cargos públicos na área de psicologia na esfera Estadual comumente estão atrelados a outras tarefas/responsabilidades genéricas de um Analista ou os chamados técnicos de nível superior. O crivo de atuação está respaldado basicamente nas descrições das atribuições que o órgão estabeleceu em leis que regulamentam tais cargos (analista) e as atividades restritas ao profissional (função / psicólogo). Dessa forma eles deverão atuar nas atividades administravas do setor que estiver lotado: participar de reuniões técnicas administrativas, elaborar documentos, participar da aplicabilidade das leis educacionais e suas diretrizes, responder a outras pastas, trabalhar priorizando o processo Inter setorial e multiprofissional. Elabora formações continuadas e intervir em todas e quaisquer demandas correlatas dentro do âmbito educacional. Como função de psicólogo é esperado que o profissional aplique os conhecimentos restritos a sua profissão na atividades acima descritas,
Demandas do psicólogo escolar da SEDUC: missão institucional (intervenção, projetos, formação, saúde mental)	quando for plausível e necessário, como uma intervenção numa escola com alto índice de violência ou até mesmo na formação de professores. Quando desenvolver projetos, que seja à luz da ciência psicologia. Considerando a missão institucional das escolas o psicólogo dessa vertente não encontra amparo para desenvolver psicoterapias, seja individual ou coletiva. Muito embora é esperado que seu trabalho contribua para construção de espaços saudáveis, sobretudo no campo da saúde mental.
Pesquisador/ retorno	***Trecho 1:*** *no seu último parágrafo, o senhor coloca assim: "considerando a missão institucional das escolas, o psicólogo dessa vertente não encontra amparo para desenvolver psicoterapias, sejam individual ou coletiva". O senhor poderia explicar mais sobre isso?*
Psicoterapia: área de saúde (não da educação	Posso, sim. A psicoterapia, ela é uma atividade, na profissão do psicólogo, é… relacionada ao campo da saúde, e aí… ela não encontra amparo dentro da instituição, né?… relacionada à educação porque não se propõe a escola ela não se propõe a… a… resolver problemas relacionados à saúde, muito embora ela contribua, né?… tendo a ideia de saúde como seu… ã… espectro maior, mas a psicoterapia é uma atividade específica da área de saúde

Demandas do psicólogo escolar da SEDUC: missão institucional (intervenção, projetos, formação, saúde mental)	e aí iria entrar em concorrência e divergência com as missões institucionais. A missão institucional da escola não prevê uma… um cuidado de saúde direto, né?... Existem programas como o programa de saúde na escola, que é um programa que é… é… multifacetado né?... é… interrelacional, inter… é… institucional, mas a função do profissional da educação e o psicólogo "tá" restrito a outras atribuições que foram descritas anteriormente que é… trabalhar questões do macro né?... da macropolítica, né?... desenvolver atividades, desenvolver projetos, que venha colaborar com o bem-estar do estudante, que vai sim colaborar com a saúde mental do estudante, mas não como atividade estritamente psicoterapêutica… como é… é… não se faz psicoterapia na educação porque não é o espaço de saúde propriamente dito. O psicólogo tem um papel importantíssimo na educação que é desenvolver projetos, atividades e ações que venham colaborar com… com o desenvolvimento de espaços saudáveis, né?... sobretudo pra gente é… quando a gente pensa na realidade brasileira, né?... onde as escolas são espaços que repetem muita violência social, violência que "tá" dentro do campo cultural… e o psicólogo, ele tem essa função, junto com outros profissionais da educação, de mapear, né?... de analisar e propor, é… ações, atividades que venham a minimizar esses… esses impactos… e… elaborando projetos, participando direta e indiretamente de projetos, dentro ou fora da escola, trabalhando em formação de professores, em áreas específicas, né?... é… trabalhando também com o corpo discente em formações também estruturadas, para trabalhar questões relacionadas a ansiedade, bullying, é… questões de gênero, sexualidade, é… questões relacionadas à negritude, enfim… é… temáticas, né?... que hoje são muito importantes para juventude que perpassam ou estão perpassando pela escola e o psicólogo tem um papel importantíssimo em desenvolver atividades que venham a… que visem a… diminuição desses impactos negativos, né?... dessas questões dentro da sala… da… dentro da escola…e aí colaborar com espaços mais saudáveis. Colaborar com a construção de espaços saudáveis.
	Enunciado 2: *Em conversa com um conhecido que atua em uma Secretaria de Educação ele comentou que, quando há demandas especificas, o psicólogo escolar se vê com dúvidas e confuso sobre como resolvê-las e busca... (continue a história...*)
Unidade temática não identificada	Atualmente não é percebido conflitos sobre a atuação do profissional de psicologia no âmbito educacional, talvez o sujeito contactato tenha expressado uma dificuldade individual, ou se referiu a uma "angústia" relacionada as problemáticas inerentes os setor público, como dificuldades de acessar alguns recursos. As demandas específicas de saúde mental por exemplo devem ser reportadas aos serviços de saúde. Como essa retaguarda é falha, pode sim deixar o psicólogo educacional desmobilizado, porém sem confundir sua linha de atuação.
Retorno/ Pesquisador	**Trecho 1:** *o senhor falou que, "as demandas específicas da saúde mental, por exemplo, devem ser reportadas ao serviço de saúde". Poderia falar mais como isso acontece?*
Demandas do psicólogo escolar da SEDUC: missão institucional (problemas de saúde pública e segurança pública na escola)	Só um protocolo já estabelecido, né?... de você fazer os encaminhamentos e trabalhar com as retaguardas. A escola não tem só problemas relacionados à saúde, ela tem problemas relacionados ao campo da segurança pública, por exemplo, né?... um… o… no caso tráfico, ou violência dentro das escolas, a gente precisa reportar às instituições que são responsáveis pela… é… segurança pública, né?. Casos relacionados à negligência, nós temos outras instituições, casos relacionados à saúde, a gente tem outras… a gente tem a saúde pública para poder recorrer.

Demandas do psicólogo escolar da SEDUC: missão institucional (em caso de dúvida, recorrer aos pares)	Então, o psicólogo que tiver em dúvida da sua atuação, é… ele pode recorrer aos pares, né?... Dentro da própria instituição, outros psicólogos, ou outros profissionais da área de saúde… da área de educação para poder resolver o problema. É muito importante que ele trabalhe sempre em conjunto, já que não se faz psicoterapia, como eu falei anteriormente… Mas a dúvida não pode estar relacionada com choque de missões institucionais, não pode haver dúvida entre a suas atribuições.
Demandas do psicólogo escolar na SEDUC: Atenção à normatização	O psicólogo que entra no setor público, ele tem que saber quais são as suas… as suas atribuições, dentro do seu cargo, e dentro da sua função. dentro do cargo que normal… que aqui em Pernambuco é o analista… e da função, que é a função psicólogo. Então ele não pode chegar com dúvidas qual é o papel do… desse profissional dentro da educação, né?...
Não existe psicólogo escolar em Pernambuco	tem aí o recorte que é o do psicólogo escolar, que nós não temos aqui em Pernambuco, né?... essa atividade propriamente dita, psicólogo dentro da escola,
Demandas do psicólogo escolar da SEDUC: missão institucional (em caso de dúvida, recorrer aos pares)	muito embora, existe psicólogo trabalhando questões da macropolítica… da macropolítica… e interferindo direta/indiretamente, né?... na construção de ações, atividades no campo da saúde e no campo da educação. Então, se o psicólogo tem dúvidas, ele recorre aos seus pares, aí complementa o que eu tinha dito antes, mas ele não pode ter dúvidas sobre sua missão, ele não pode ter dúvida sobre o seu cargo nem pode ter dúvidas sobre sua função.
	Enunciado 3: *Psicólogos que atuam na Secretaria de Educação são frequentemente solicitados por escolas estaduais para resolver problemas que ocorrem dentro delas, de natureza e gravidade diversa. Nessas situações... (continue a história)*
Demandas do psicólogo escolar da SEDUC: missão institucional (intervenção; macropolítica)	As demandas são analisadas tecnicamente antes de serem respondidas. O psicólogo da secretaria de educação do Estado lida primordialmente com a macro política e a macroestrutura do Estado, e nesse sentido deve agir de forma conjunta, mobilizando a comunidade escolar a desenvolver estratégias de soluções da problemática. Os resultados da intervenção podem ser sistematizados e transformados em Ações para outras Unidades Escolares. Outro ponto, não é comum a gestão de uma escola solicitar especificamente a presença do psicólogo (a). Quando a problemática chega a SEDE é analisada, debatida e nem sempre o psicólogo precisa se deslocar até U.E.
Retorno/ Pesquisador	***TRECHO 1-*** *nesse parágrafo, o senhor colocou assim: "outro ponto, não é comum a gestão de uma escola solicitar especificamente a presença do psicólogo". Poderia falar mais sobre isso?*
Hierarquia/trâmite para resolução de problemas (autonomia da escola)	Certo. Existe uma… uma hierarquia, na verdade, né?... um trâmite, não é uma hierarquia… existe um trâmite, para resolução de problemas, para ter autonomia, né?... para resolver seus problemas internos, e quando ela não consegue, ela reporta a Gerência Regional de Ensino, que é um apêndice da Secretaria de Educação. Se ela não consegue resolver, ela vai recorrer à sede que é a Secretaria propriamente dita, né?...
Unidade temática não identificada	Então, como culturalmente… como na própria organização da escola, não é comum a presença do psicólogo, então eu não vejo, né?... essa solicitação acontecer com frequência. Em trezes anos, atuando aqui na Secretaria, eu só vi uma solicitação por duas vezes… é… em casos bastante específicos. Então, talvez aí, a gestora tivesse um conhecimento… um pouco mais… depurado e… solicitou a presença de um psicólogo… mas, não é comum, e muitas vezes não é necessário

Hierarquia/trâmite para resolução de problemas (autonomia da escola)	porque é… a escola ela tendo a sua autonomia para resolver os seus problemas… elas… os problemas da escola são problemas pedagógicos, problemas relacionados à… à educação formal, à estrutura, então ela já tem um… um espectro ali de ferramentas para dar conta da missão institucional que a escola tem… então, quando extrapola o limite das necessidades escolares, né?... o que o gestor normalmente faz é pedir o auxílio da Gerência Regional ou solicitar a presença de profissionais de outras áreas, que aí é a importância desse trabalho, né?... intersetorial… e… o psicólogo pode vir de um outro lugar.
Demandas do psicólogo escolar da SEDUC: missão institucional (intervenção; macropolítica)	Por exemplo, um caso de… estupro, por exemplo. Ôpa! Solicitar a presença de um profissional da Psicologia da Secretaria de Saúde para fazer um trabalho pontual ali naquela escola. Se o psicólogo da Gerência, né?... da Secretaria, ele percebe que essa é uma demanda, né?... que abrange outras escolas e que tem um nível ali de… de visibilidade maior do que a normalidade, ele pode, com outros profissionais, traçar um plano de ação e trabalhar numa macropolítica todas as escolas ou as escolas de nível regional. E aí, "vamos fazer for… formação na área de gênero e sexualidade" … "Vamos fazer uma… formação na área de… é… direitos sexuais e reprodutivos"; "Vamos fazer uma formação na área de violência sexual infanto-juvenil". Então eu vou atuar… dentro de um macrossistema para atingir um número máximo de pessoas, um número máximo de profissionais, para fazer com que esses atores que atuam na… na escola tenham mais subsídios, tenham mais consistência nas suas atividades e, principalmente, saber fazer os encaminhamentos quando, em caso como esse, extrapolam os limites das competências da escola.
	Enunciado 4: *Em festa comemorativa de fim de ano para psicólogos de uma Secretaria de Educação, a felicidade era contagiante por causa da aprovação da* Lei 13.935, *que autoriza a inserção dos psicólogos no quadro funcional das instituições públicas de ensino e aprendizagem. Os psicólogos falavam muito das suas expectativas ... (continue a história)*
Carência de especificações no texto da lei: aspectos políticos e financeiros	Não percebi grandes mobilizações ou entusiasmos diante da aprovação da lei supracitada. Talvez o fato de seu teor ser generalista e não determinar a presença do psicólogo na escola, mas autoriza sua atuação, sobretudo de forma multiprofissional. Penso que o momento político o qual foi sancionada não foi favorável a ampliação do debate, pois notoriamente a área de educação estava sofrendo com processos de desmontes em suas diretrizes e com falta de verbas. Percebi que a maioria dos colegas não sentiram segurança na possibilidade dessa lei se "efetivar" na prática, pois diz muito sobre recursos financeiros, quando o país atravessa uma grande crise.
Retorno /Pesquisador	***TRECHO 1-*** *Na sua narrativa o senhor falou: "Penso que o momento político ao qual foi sancionada não foi favorável à ampliação do debate, pois, notoriamente, a área de educação estava sofrendo um processo desmonte em suas diretrizes e falta de verbas". Poderia falar mais sobre esse momento político e a ampliação do debate sobre a efetivação do profissional da psicologia nas escolas?*

Carência de especificações no texto da lei: aspectos financeiros	Não, não existe um momento ótimo para você debater, né?... melhorias na qualidade da educação, acho que todo momento é… qualquer. ã… é importante, mas é preciso também ter uma seguridade política, uma seguridade também econômica para garantir que determinados serviços, eles sejam efetivados, né?... e o Brasil tem um histórico, né?... entre aspas, de leis que não pegam, né?... a gente tem até hoje, então, o caso dos… dos professores, do piso salarial, por exemplo, que é uma lei que já tem alguns anos e que diversos Estados e municípios, não. não. contemplam esses profissionais e aí alegam questão de verba. Quando se fala em setor público, a gente tem que ter uma dotação orçamentária, a gente precisa saber de onde sai o dinheiro para pagar esse público, esse profissional, né?... E… na época em que… quando foi sancionada a lei, né?... o Brasil vivia não só uma recessão, porque o mundo vivia uma recessão econômica, né?... por conta da pandemia, mas também estava no poder um governo que estava desmobilizando e desorganizando um histórico de construções na área de… de… na área de educação, onde a saúde… é… onde a atuação do psicólogo nunca… nunca… surgiu como uma pauta, de fato.
Carência de especificações no texto da lei: aspectos administrativos	Então, eu não vi é… grandes alardes com relação a isso… até porque… é… o próprio… o próprio documento é muito genérico, é muito abrangente, como a maioria dos documentos federais e ele vai se afunilando quando ele entra nas… na esfera estadual e na esfera municipal, né?... eu preciso dizer onde esses… esses profissionais vão estar; como eles vão estar; como vão atuar; qual a função, né?... é… se eles vão… onde eles vão ser lotados; se eles vão ser lotados na escola; que papel ele vai ter na escola; se ele vai ser um analista; se ele vai ser um… um… um psicólogo escolar, de fato; se esse profissional vai ser exigido dele uma especialização, tem várias nuances que não são debatidas .
Implementação nos Estados e Municípios	na lei que elas só vão sendo redefinidas a partir do momento que se há um projeto de fato da sua implementação, e aí, no caso, seriam os Estados e Municípios que são responsáveis pela educação do Brasil, né?... a… a educação básica dos municípios com os anos iniciais, e temos aí o Estado até o… a conclusão do ensino médio. Então, é o… os Estados e os Municípios, que são os mais interessados, e são os Estados e os Municípios que têm que formar os seus… o seu projeto para absorção e implementação desse profissional dentro da… da área educacional…
Carência de especificações no texto da lei: aspectos políticos, financeiros e administrativos	Então, por isso, não vi ne… nenhum alarde, não vejo… não vejo grandes mudanças, e também não veria agora, né?... nessa mudança de governo algo que fosse… exequível, palpável, porque custa muito caro você mexer com uma estrutura dessa, então quantos psicólogos são? A Secretaria de… de Educação de Pernambuco tem mais de mil escolas… então, quando você contrata um profissional, você tem uma carga horária específica. Temos aí o debate da, né?… das trinta horas semanais do psicólogo. Se essa lei for aprovada… como é que eu vou manter esse profissional dentro da escola ou trabalhando conjuntamente com a escola? Quantos profissionais são necessários por escola ou por grupamento de escolas? Eu preciso de um projeto e não existe debate, eu desconheço um debate, em Pernambuco, que… esteja tentando, de alguma forma, é… tornar essa lei, é… operacional… tornar essa lei um fato… essa, para mim é a grande questão. E eu não vejo mobilização entre os meus pares, e não vi alarde tampouco, estendo a felicidade. Então, aí a minha interpretação sobre a minha função e sobre o meu cargo. Usando como prerrogativa, né?… tipo… as leis que regem essa minha atividade.

ANEXO 3 . TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)- PROFESSORES

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado ***PSICOLOGIA NAS ESCOLAS DE RECIFE: DANOS POR UMA NECESSIDADE NÃO ATENDIDA*** dos pesquisadores Profª Drª Nadja Maria Vieira da Silva e Lucas Lopes Pessoa de Sousa. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação:

1. Investigação sobre ações voltadas para inserção do psicólogo escolar/educacional no quadro funcional das instituições de ensino e aprendizagem da rede pública da cidade do Recife.

2. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes:

- Pesquisar sobre a Psicologia Escolar/ Educacional e os processos de aprendizagens em Recife;
- Produção de sentidos nas narrativas de professores da rede básica de ensino do Estado de Pernambuco sobre o trabalho de psicólogos nas escolas

3. A coleta de dados começará em novembro de 2022 e terminará em janeiro de 2023.

4. O estudo será feito da seguinte maneira: professores da escola participarão de atividades sobre a Psicologia Escolar na modalidade online/Presencial, através da plataforma Google Meet, a fim de colocar em evidência aspectos importantes para a compreensão da atuação do psicólogo na rede pública de ensino. Para isso, alguns encontros serão gravados.

5. A sua participação será na seguinte etapa: participar de dois encontros, na plataforma Google Meet e na modalidade presencial, previamente agendados com o pesquisador, para que discutamos aspectos relevantes sobre a Psicologia no universo escolar.

6. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: desconforto durante a roda de conversa com a filmagem; apresentar timidez, insegurança ou qualquer outro incômodo destanatureza. Além disso, sua participação também será através de um ambiente virtual, local onde estamos sujeitos à instabilidade de conexão com internet, energia elétrica e armazenamento de dados em rede. Apesar das limitações, o pesquisador se compromete a minimizar as possibilidades de violação da confidencialidade de sua participação. Caso os riscos sejam

inevitáveis, você poderá contar com assistência psicológica do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal de Alagoas, sendo Lucas Lopes Pessoa de Sousa o responsável pelo seu encaminhamento.

7. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: contribuir para a construção do conhecimento científico acerca da Psicologia Escolar e Educacional.

8. Você poderá contar com a seguinte assistência: acolhida para os desconfortos possíveis já relacionados anteriormente podendo inclusive recusar a participação caso seja sua escolha, sendo responsável Lucas Lopes Pessoa de Sousa.

9. Você será informado(a) do resultado do projeto e sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo, inclusive terá espaço para expor seus receios e dúvidas, a fim de que você não se sinta constrangido ou obrigado a qualquer atitude durante a pesquisa

Todos os e-mails referentes à pesquisa serão enviados pelo pesquisador a você de maneira individual, afim de mantermos a confidencialidade de sua participação.

10. Você terá o direito de não responder a qualquer pergunta que desejar, sem a necessidade de apresentar qualquer justificativa. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

11. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

12. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.
13. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

14. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu
.....,
tendo

compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214-1041. O CEP

trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimentos científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12, CNS 510/16 e complementares)

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:
Instituição: IP – Instituto de Psicologia - UFAL
Endereço: Br 101 Norte, km 14.

Complemento: Campus A.C.Simões

Cidade/CEP: Tabuleiro – CEP 57072-970 – Maceió – AL

Contato de urgência: Sr. LUCAS LOPES PESSOA DE SOUSA Rua
DESEM. VIRGILIO DE SÁ PEREIRA Complemento: 699

Cidade/CEP- RECIFE-PE, 50721040

Telefone: 81-999776640
Ponto de referência:

***ATENÇÃO**: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:*

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Recife, de de 2022.

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal erubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demaispáginas)

ANEXO 4 . CARTA DE ANUÊNCIA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador **LUCAS LOPES PESSOA DE SOUSA**, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, no curso de mestrado, a desenvolver o seu projeto de pesquisa intitulado "PSICOLOGIA NAS ESCOLAS DE RECIFE: DANOS POR UMA NECESSIDADE NÃO ATENDIDA" que está sob a orientação do Profa. Dra. Nadja Maria Vieira da Silva. O referido projeto tem por objetivo analisar a atuação de psicólogos nos espaços institucionais da Secretária de Educação do Estado de Pernambuco

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução nº 466/2012 CNS/CONEP e da Resolução nº 510/2016 CNS, comprometendo-se o mesmo a utilizar as informações e dados dos participantes da pesquisa exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

A pesquisa não poderá causar interrupção das atividades discentes e/ou docentes durante o período e horário de aula no recinto escolar, bem como considerar as regras e protocolos sanitários em vigência. Evitando também, prejudicar a rotina de atividades planejadas pela escola ao longo do ano. Ficando também o pesquisador obrigado a fornecer esclarecimentos antes, durante e após o desenvolvimento da referida pesquisa, quando solicitado pela escola e/ou Secretaria de Educação e Esportes (SEE).

No caso do não cumprimento dos itens acima, enfatizamos a autonomia desta SEE de retirar a anuência a qualquer momento sem penalização alguma e que não haverá nenhum custo/despesa para esta instituição (escola ou SEE) que seja decorrente da participação nessa pesquisa. Ressaltamos, entretanto, que esse consentimento não impede que o projeto venha ser readequado pela equipe gestora escolar de acordo com as necessidades da escola.

Recife, 27 de outubro de 2022

Durval Paulo Gomes Junior
Assessoria Pedagógica
Secretaria Executiva de Desenvolvimento da Educação

Documento assinado eletronicamente por **Durval Paulo Gomes Júnior**, em 27/10/2022, às 11:35, conforme horário oficial de Recife, com fundamento no art. 10º, do Decreto nº 45.157, de 23 de outubro de 2017.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.pe.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **29922360** e o código CRC **F6B03152**.